



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

THAÍS DE OLIVEIRA COSTA

“EM TODO TEMPO MULHER FOI TAPETE”: A escrevivência de um corpo
rebarbado sobre as relações assimétricas de gênero na Assembleia de Deus em Boa
Esperança - PA

BELÉM-PA
2023

THAÍS DE OLIVEIRA COSTA

“EM TODO TEMPO MULHER FOI TAPETE”: A escrevivência de um corpo
rebarbado sobre as relações assimétricas de gênero na Assembleia de Deus em Boa
Esperança - PA

Dissertação apresentada como requisito final
para a obtenção do título de Mestre em
Sociologia e Antropologia, com concentração em
Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação
em Sociologia e Antropologia da Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Michele Escoura Bueno

BELÉM-PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D278t de Oliveira Costa, Thais.
"EM TODO TEMPO MULHER FOI TAPETE" : A
escrivência de um corpo rebarbado sobre as relações assimétricas
de gênero na Assembleia de Deus em Boa Esperança - PA / Thais
de Oliveira Costa. — 2023.
96 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Michele Escoura Bueno
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2023.

1. Escrivência. 2. Pentecostalismo. 3. Relações de poder.
4. Interseccionalidade. 5. Colonialismo. I. Título.

CDD 301

THAÍS DE OLIVEIRA COSTA

“EM TODO TEMPO MULHER FOI TAPETE”: A escrevivência de um corpo
rebarbado sobre as relações assimétricas de gênero na Assembleia de Deus em Boa
Esperança - PA

Dissertação apresentada como requisito final
para a obtenção do título de Mestre em
Sociologia e Antropologia, com concentração em
Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação
em Sociologia e Antropologia da Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Michele Escoura Bueno

Data de Aprovação: 19/12/2023

Conceito: Aprovada

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Michele Escoura Bueno
Orientadora (PPGSA/UFPA)

Profa. Dra. Patrícia da Silva Santos
Examinadora Interna (PPGSA/UFPA)

Profa. Dra. Katiane Silva
Examinadora Interna (PPGSA/UFPA)

Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja
Examinadora Externa (PPGS/UFMA)

Profa. Dra. Carla Ramos
Examinadora Externa (PPGCS/UFOPA)

Às mulheres que driblaram o
colonialismo para que eu existisse : vovó
Neves (*In Memoriam*) e Mamãe (Maria
Aldeci);

AGRADECIMENTOS

Há um provérbio africano que diz “se queres ir rápido vá sozinho, mas se queres ir longe vá acompanhado”. Eu não acho que fui longe finalizando esse longo ciclo, mas a entrega desse texto só foi possível pela comunidade que me acolheu e me amparou nos últimos 3 anos. Lembro da sensação de quando vi o resultado da seleção do mestrado e eu estava aprovada, me apeguei a ela durante o período árduo da pandemia onde o pensamento que pairava era “logo na minha vez tinha que acontecer o fim do mundo!” Graças às Deusas, o mundo não acabou e nós seguimos construindo paraquedas coloridos como diz o grande mestre Ailton Krenak. A finalização deste ciclo é parte dessa construção de esperança de mudanças através da educação. O resultado da Escrivência que o leitor encontrará nas páginas seguintes não é o texto dos meus sonhos ou o melhor que eu podia oferecer, mas é o que foi possível escrever no atual contexto.

Dito isso, gostaria de iniciar meus votos de gratidão à geração que veio antes e “brocou a mata” para que hoje a minha geração pudesse ter solo fértil para crescer. Outro dia me emocionei vendo dona Ana Célia da Silva falando do trabalho árduo que foi empenhado pelos militantes do Movimento Negro Unificado para garantia de políticas públicas à população negra. Eu sou grata, reverencio e honro meus mais velhos pelos caminhos que se abriram através dessa luta árdua, esse país ainda terá muito preto dotô!

À mamãe que lutou bravamente para que eu e meus irmãos estudássemos e nos ofereceu todas as ferramentas que ela considerava adequadas para um caminho menos turbulento. Sou grata também por ela estar viva, esse tem sido seu maior feito mamãe, ainda tem muitos frutos do seu trabalho árduo para a senhora colher nessa terra! A senhora conseguiu formar uma filha mestra, veja só!

Agradeço imensamente a professora Carla Ramos por ter me salvado com toda a conotação espiritual que há nessa palavra. Os cafés da manhã viraram muito mais que um subtópico, talvez com o passar dos anos eu consiga transcrever tudo o que significou em minha vida a travessia Tapajós-Baía de Todos os Santos.

A Urânia Munzanzu, a cineasta mais incrível desse mundo, minha parceira de natação e cafés da tarde. Sem você esse texto não chegaria ao fim, obrigada por ter

me apresentado o Cinema Negra, o culto de Egungun, a capoeira e todas as comidas gostosas que alimentam não só meu corpo, mas meu espírito.

A professora Michele Escoura que pegou esse barco já no meio da viagem e deu todo o suporte necessário para que tudo ocorresse bem. Gratidão pela paciência, perseverança e escuta, prof. Sem você nada disso seria possível e esse texto não teria se materializado.

A Andreza Viana, meu combo, dupla de mestrado e de cafês da tarde. Nós fomos valentes e finalmente encerramos esse ciclo;

A Isabelle Costa pelas correções do texto e todo apoio que me deste durante nossa vida de Belonisia e Bibiana;

Ao Círculo de Oração Rosa de Saron pela acolhida e colaboração com a pesquisa, amo vocês!

Aos amigos queridos que me ofereceram cuidado, afeto e suporte. Não os citarei nominalmente para não esquecer eventualmente de alguém, mas saibam que amo todos vocês.

A ACANNE e ao Mestre Renê por todo cuidado e ensinamentos que me ensinam todos os dias a saber onde mirar a flecha. Axé meus malungos e malungas!

Aos professores do PPGSA por todo aprendizado durante esses anos e à banca que com carinho me orientou na lapidação desse trabalho.

À CAPES pela bolsa que me auxiliou durante o mestrado e ao presidente Lula por ter voltado a governar esse país, sem o senhor não teríamos esperança de sonhar futuros melhores.

Que tenhamos garantia de educação pública, gratuita e de qualidade para que mais negros e negras se formem no ensino superior!

No mais, que nossos caminhos sejam Odara, leiam com carinho o que se segue!

O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra (Grada Kilomba, 2020).

RESUMO

Este texto sintetiza parte dos resultados da pesquisa que desenvolvo desde 2018 e centra-se nas discussões referentes à liderança de mulheres na igreja evangélica Assembleia de Deus. A instituição, fundada em 1911, em Belém do Pará, com o passar dos anos difundiu-se para outros estados fora da Amazônia Paraense e atualmente está presente em todos os estados brasileiros. Partindo de um viés colonialista, a igreja construiu sua hierarquia na sacralização da desigualdade de gênero, reservando às mulheres, principalmente negras, papéis subservientes e não permitindo que estas ascendessem na hierarquia eclesiástica. Esse fator endossa a postura androcêntrica da igreja que, em seus 110 anos de fundação, nunca consagrou mulheres aos cargos de liderança eclesiástica, mesmo tendo uma mulher como pioneira na fundação na igreja e um público de maioria feminina negra. Buscando desenvolver uma escrevivência, como propõe dona Conceição Evaristo, delimito como “campo de pesquisa etnográfica” a comunidade cristã da qual sou “membra desviada”, cuja sede fica em Boa Esperança, na zona rural do município de Santarém, no Oeste do Pará. Mais especificamente, o trabalho se desenvolveu por meio do diálogo entre a pesquisadora rebarbada e as integrantes do Círculo de Oração. Em suma, esse texto é sobre como operam as estruturas de opressão que atuam sobre os corpos das mulheres e de suas subjetividades dentro da igreja.

Palavras-chave: escrevivência; pentecostalismo; relações de poder; interseccionalidade; colonialismo.

ABSTRACT

This text summarizes part of the results of the research I have been developing since 2018 and focuses on discussions regarding women's leadership in the evangelical church Assembly of God. The institution, founded in 1911, in Belém do Pará, over the years spread to other states outside the Amazon of Pará and is currently present in all Brazilian states. Starting from a colonialist bias, the church built its hierarchy on the sacralization of gender inequality, reserving subservient roles for women, especially black women, and not allowing them to ascend in the ecclesiastical hierarchy. This factor endorses the androcentric stance of the church which, in its 110 years of founding, never consecrated women to positions of ecclesiastical leadership, even though it had a woman as a pioneer in the founding of the church and a majority black female audience. Seeking to develop writing skills, as proposed by Conceição Evaristo, I defined as an “ethnographic research field” the Christian community of which I am a “deviant member”, whose headquarters are in Boa Esperança, in the rural area of the municipality of Santarém, in the west of Pará. More specifically, the work developed through dialogue between the researcher and the members of the Prayer Circle. In short, this text is about how the structures of oppression that act on women's bodies and their subjectivities operate within the church.

Keywords: escrivência; pentecostalismo; power relations; intersectionality; colonialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Da esquerda para a direita, tia Branca, tia Sueli, dona Preta (mamãe), tia Dalva, tia Leonice e vovô Messias	13
Figura 2 - A sobrinha de Exu - Cafês da manhã com um Antropóloga rebarbada e sapatão.....	31
Figura 3 - A sala de feitiços.....	35
Figura 4 - O púlpito ornamentado pelas irmãs	39
Figura 5 - O púlpito e as mulheres	41
Figura 6 - A nave da igreja vista do púlpito	41
Figura 7 - Frida Vingren.....	46
Figura 8 - Convenção de 1930	51
Figura 9 - Diaconisa Emília Costa	54
Figura 10 - Irmã Ana, Mamãe, Nelma, Marilis, Carla, Regiane, Lourdes, Maria e os pastores Mara e Jonatas no momento de encerramento das vendas	60
Figura 11- Organização do Círculo de Oração	64
Figura 12 - Organização do Grupo Formiguinha	68
Figura 13 - Primeira Ação das Formiguinhas	69
Figura 14 - Segunda Ação das Formiguinhas	69
Figura 15 - Terceira Ação das Formiguinhas.....	69
Figura 16 - Quarta Ação das Formiguinhas.....	69
Figura 17 - O milagre de Memphis	75
Figura 18 - O pré-congresso	76
Figura 19 - Cartaz de divulgação do Pré Congresso	77
Quadro 1 - Percentual de pessoas hospitalizadas e mortas pelo Covid-19 no Brasil e seus respectivos pertencimentos raciais – dados relativos ao período entre abril e maio/2020.....	80
Figura 20 - Cartaz de divulgação da conferência	81
Figura 21 - EtnOrígrafia.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará
COMIEADEPA	Convenção Interestadual de ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará
CGADB	Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil
CO	Círculo de Oração
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Pará -
UNEMAD	União Nacional de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

TESTEMUNHO	13
Parte I: Eu sou o sonho das minhas ancestrais	13
Parte II: Eu sou porque nós somos	20
1 INTRODUÇÃO	23
1.1 A escrevivência e a busca por um corpo rebarbado - Caminhos Metodológicos	25
1.2 Fé de morte, subjugação e um "campo" perturbador	27
1.3 Encruzilhadas da escrita - Uma estrada de silêncio ou um caminho para falar?	29
1.4 A sobrinha de Exu - Cafés da manhã com uma Antropóloga rebarbada e sapatão	31
2 A LOUCA, A SAPATÃO E A SANTA - UMA POLÍTICA DO PÚLPITO	39
2.1 É tudo deles - Frida Maria Strandberg a missionária perseguida, internada em hospício e 'esquecida' pela História	46
2.2 Frida e os conflitos com os “donos” do púlpito	49
3 DOMINAÇÃO E CONTROLE EM NOME DO SENHOR? O CÍRCULO DE ORAÇÃO ROSA DE SARON	60
3.1 Formiga quando quer se perder cria asas - observando para um dia poder voar	68
3.2 Porque Deus chamou mamãe e não a pastora para ser chefe de refeitório?	71
3.3 Culto da Covid - uma pesquisadora incoerente e consumida pela ordem pentecostal	76
3.4 A Teologia do sofrimento e o ethos da mulher de fé	81
4 COMENDO EM PRATO DE OURO E ARROTANDO SANGUE (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	84
5 PREGUIÇA E MANDINGA - BRECHAS, MARÉS E FISSURAS NO RAMAL DA MOÇA(CONCLUSÃO)	87
REFERÊNCIAS	95

TESTEMUNHO

Parte I: Eu sou o sonho das minhas ancestrais

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio.
 Ecoou lamentos de uma infância perdida
 A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela (Evaristo, 2021).

Figura 1 - Da esquerda para a direita, tia Branca, tia Sueli, dona Preta (mamãe), tia Dalva, tia Leonice e vovô Messias



Fonte: Autora (2019)

Eu nasci e me criei em um teto pentecostal, na pequena congregação de madeira que frequentei durante a infância era comum ouvir testemunhos¹. Eles eram imbricados de relatos de mudanças de vida pós-conversão, cura de doenças ou a chuva que caiu no exato momento que a terra precisava. Os testemunhos adquiriam um caráter de relatar os processos de mudança na vida do cristão. Desta forma, antes de tratar da temática proposta no resumo dessa dissertação, eu vou contar o meu testemunho a fim de sinalizar de onde escrevo.

¹Para esse debate veja Maxwell Fajardo (2015).

Minha mãe, Maria Aldeci², conhecida como dona Preta, se converteu quando casou-se com meu pai e, na infância, experienciou a vivência na igreja, mas por um curto período, pois um acidente a deixou com uma deficiência nos pés, levando-a para longe tanto da família quanto da igreja. Dessa forma, antes de elencar o foco principal dessa pesquisa trago as narrativas de minha mãe sobre sua vida e a de minha avó, que não cheguei a conhecer, mas é alguém que tem um significado imenso na minha trajetória. Mamãe ensinou a mim e minhas irmãs que a ancestralidade é algo sagrado. Como eternizou Jurema Werneck (2010), “nossos passos vêm de longe”. Reafirmo isso dizendo que minha história começa lá atrás, com minha bisavó Maria Luisa Martins, fugindo dos conflitos na região de várzea do rio Amazonas e indo para a aldeia de Ipaupixuna³ com seus dois filhos, Maria de Neves e Henrique.

Maria de Neves é minha avó e eu não a conheci, pois ela faleceu muito antes do meu nascimento. Mamãe conta que foi uma grande mulher, criou sete filhos como mãe solo, pois os maridos que teve eram preguiçosos e desde muito nova trabalhava para garantir o sustento das crianças. Mamãe e minha tia Aldezira, conhecida como Branca, são as caçulas dos sete filhos, elas são gêmeas e nasceram em 1967. Ao falar desse período, minha mãe atesta que naquela época o acesso à cidade era difícil e para chegar a Santarém o percurso era de 3 dias a cavalo. Quando chegou o tempo de nascimento da mamãe e titia, minha bisavó acionou as parteiras da comunidade, dona Neca e dona Elisa. As crianças nasceram de parto normal no final de junho daquele ano e foram amadrinhadas pelas parteiras que as trouxeram ao mundo. Tia Branca se tornou afilhada de dona Elisa e seu companheiro e mamãe de dona Neca e seu esposo Nazário.

Segundo mamãe, os apelidos de “Branca” e “Preta” vieram das parteiras, quando nasceu a primeira das gêmeas com a pele clara foi chamada de Branca, minutos depois veio a segunda com tons mais escuros e foi chamada de Preta. Mamãe relata que “puxou” a fisionomia de seu pai biológico, um homem negro de pele retinta, já tia Branca nasceu com a pele clara “herdada” da minha avó que tinha o cabelo liso e pele clara⁴.

² No decorrer do texto utilizarei o termo “mamãe”, foi dessa forma que ela nos ensinou a chamá-la como sinal de respeito ou Dona Preta que é seu apelido.

³ A aldeia Ipaupixuna está localizada no km 24 da PA 370 e compõe o território Munduruku do Planalto. Esse território ainda não foi demarcado pelo Governo Federal e enfrenta inúmeros conflitos com sojicultores da região. Na época em que minha mãe nasceu o processo político para demarcação ainda era algo inalcançável pelos moradores. O território atualmente encontra-se autodemarcado. Disponível em: <https://amazoniaconflitos.com.br/wp-content/uploads/2019/12/beira-especial-006-visualizacao>. Acesso em 26/01/2022.

⁴ Não tenho a pretensão de fazer um debate sobre colorismo, pois não cabe nesse contexto. Minha família materna foi vítima de um processo colonial que junto a missões jesuítas causou danos irreparáveis no baixo

Segundo os relatos de minha mãe e minha tia Branca, a infância delas foi com escassez, mas a fome nunca chegou ao lar de dona Neves, pois ela era uma mulher de fartura, criava muita galinha e plantava roçado para alimentar os filhos e conseguir uma renda extra. Sob essa ótica, é válido salientar que o roçado até hoje é o meio de sobrevivência de muitos moradores de Ipaupixuna, mas segundo mamãe, na década de 1970 as circunstâncias eram mais difíceis. Nesse contexto, minha avó tinha que deixar as crianças em casa para cumprir com as demandas da roça. Em uma das idas de minha avó ao trabalho, minha tia Zeca, a mais velha dos sete filhos, se descuidou de mamãe e tia Branca e elas saíram para brincar no roçado recém-queimado⁵.

Nessa época as duas caçulas de vovó Neves tinham um ano e cinco meses de idade e ao saírem do campo de visão da tia Zeca decidiram brincar de “pira-se-esconde” nas cinzas das coivaras. Longe dos olhos de todos, pulavam de um canto a outro no meio dos troncos de árvores e as cinzas da roça, a inocência das duas pequenas não mediu que, debaixo das cinzas, ainda existia brasas e foi ali que minha mãe caiu. Minha tia ficou presa a galhos secos e não chegou a tocar o chão, mas minha mãe sofreu queimaduras tão profundas que ali mesmo perdeu um de seus dedos do pé direito. Ela começou a gritar, despertando minha tia Zeca, que saiu atrás de minha avó para retirar mamãe do meio das cinzas.

Mamãe conta que passou sete dias até chegar ao hospital e, quando chegou, já não tinha como salvar os dedos do pé direito e alguns do esquerdo, culminando em um longo tempo de internação até que reaprendesse a andar minimamente, sendo este processo de readaptação corporal finalizado na sua casa. Quando minha mãe voltou a se locomover de forma independente já tinha aproximadamente seis anos de idade, mas sua vida naquele momento com uma deficiência ficara ainda mais difícil no Ipaupixuna, pois sentia muitas dores ao andar no chão de barro e minha avó não tinha condições financeiras para comprar calçados adequados. Pouco depois que minha mãe se recuperou do acidente, minha avó deixava ela e as outras crianças aos cuidados de minha bisavó e ia dançar nos festejos de Ipaupixuna, pois Dona Neves era uma mulher jovem e amava dançar. Ela trabalhava duro na roça durante o dia e à noite saía para se divertir e obter algum alívio da vida dura que levava.

Amazonas, danos esses que foram muito além da configuração étnico-racial da população. Para esse debate ver as produções de Florêncio Almeida Vaz Filho (2010) e Wilverson Rodrigo Silva de Melo (2015).

⁵ Na Amazônia a queimada é muito comum no preparo da terra para o plantio. Geralmente antes de queimar acontece a broca, onde as árvores são derrubadas e, na sequência, é lançado fogo em tudo. Depois desse processo ainda restam alguns galhos e pedaços de raízes que são enfileirados em pequenos montes para serem queimados novamente, sendo esse último processo conhecido como coivara.

Na década de 1970 minha avó começou a trabalhar na casa de farinha de seu Bruno Betcel, dono de muitas terras na comunidade e pai de quem, posteriormente, seria seu companheiro: seu Messias, que era o caçula de oito filhos. Maria de Neves estava em busca de uma renda melhor para custear o sustento dos sete filhos, visto que era mãe solo, pois seu último marido, pai biológico de minha mãe e tia Branca, a deixara quando minha mãe teve que ser internada no hospital. Minha avó iniciou um relacionamento com seu Messias, mas tal fato não agradou a família dele, levando à demissão de dona Neves e o deserdamento do seu companheiro. Nessa época seu Messias, meu avô, tinha 25 anos e passou a trabalhar com minha avó para sustentar as crianças.

Meu avô me relatou que quando se "juntou" com minha avó sofreu represália de sua família pelo fato dela ser mãe solo e independente, despertando o moralismo da família. Ele era membro da igreja evangélica Assembleia de Deus e isso acirrou as repressões, visto que minha avó gostava de dançar e era fumante. Ele conta que não demorou muito para ela entrar na igreja, e em nossa última conversa ele me relatou que um ano depois que eles se casaram ela "aceitou a Jesus" através de missionários que andavam na região e, posteriormente, passou a ser integrante do círculo de oração, embora continuasse fumando às escondidas.

Pouco tempo depois de mamãe completar 11 anos, minha avó decidiu "dá-la como filha"⁶ para a irmã de meu avô Messias. Ela se chamava Sueli e morava na cidade de Santarém. Minha mãe conta que, nesse período, ela estudava em um turno e no outro trabalhava com vendas de cosméticos e recebia uma comissão por isso. Quando minha mãe fez 12 anos, foi morar com outra tia para trabalhar em troca de roupa, comida e estudos. Aos 14 anos, foi novamente "dada como filha", dessa vez para um casal que morava em Belém e estava de férias no oeste do estado. Eles costumavam ir ao Ipaupixuna para desfrutar dos igarapés e da culinária local e nessas idas fizeram amizade com minha avó Neves. Por ser uma mulher de interior e confiar na "palavra" do casal, minha avó decidiu incentivar a ida de minha mãe para a capital, pois havia uma promessa de que ela estudaria e teria mais oportunidades de emprego.

Todavia, o que era pra ser uma oportunidade de ascensão social tornou-se um pesadelo, pois minha mãe viveu em situação análoga à escravidão e guarda muitas dores dessa época, e em respeito a isso, não pretendo me alongar nos detalhes sobre esse período. Ela

⁶ Esse fenômeno social é denominado por cientistas sociais como "Circulação de Crianças". Na circulação há uma transferência parcial e temporária dos direitos dos pais, portanto não configura-se como adoção. Para esse debate ver (Cláudia Fonseca, 1995; Cynthia Andersen Sarti, 1996; Angélica Motta-Maués, 2004).

viveu com essa família por quatro anos até o dia em que decidiu fugir e passou a ser trabalhadora doméstica de uma gerente de banco.

Mamãe conta que quando fugiu as coisas começaram a melhorar, pois ela passou a ser assalariada e conciliava o trabalho com seus estudos. Ela permaneceu nesse emprego como doméstica por três anos, mas decidiu voltar ao Ipaupixuna porque minha avó estava muito doente e minha mãe temia que a vovó partisse sem se despedir dela. Quando retornou ao Ipaupixuna já havia concluído o primeiro ano do ensino médio e, tempos depois, passou a ser professora da educação infantil na comunidade.

Minha mãe conta que quando saiu da casa onde era escravizada passou a conhecer de fato a cidade de Belém. Dona Preta sempre foi uma mulher linda e inteligente, e, assim como minha avó Neves, amava dançar até o amanhecer. Contudo, ao retornar ao Ipaupixuna, conheceu um viúvo, membro da Assembleia de Deus, por quem se apaixonou e se casou, sem a bênção de meu avô, que não via a união com bons olhos. Meu avô avistou o futuro de tentativa de controle que minha mãe sofreria nos anos seguintes e foi o que aconteceu. O primeiro ato após o matrimônio foi a sua conversão, que veio com regras de vestimentas e exclusão de fotos onde minha mãe usava roupas “não crentes”⁷. Todavia, minha mãe tinha na veia “sangue de maranhense”, como ela diz, e construiu seus caminhos subversivos através da educação e, a igreja, era seu espaço de sociabilidade. Ela está lá até hoje, mas afirma ser uma “mulher rebarbada”, para quem é “nascido e criado” no interior do Pará, essa terminologia é utilizada para referir-se a pessoas insubmissas ou irreverentes.

Depois de casada, minha mãe mudou-se para a comunidade de Tiningu, vizinha a Ipaupixuna, onde trabalhava e cuidava da roça e de meus cinco irmãos, filhos do casamento anterior de meu pai. Ela andava quilômetros até a escolinha onde lecionava e, quando não estava em sala de aula, estava no igapó apanhando açaí ou na roça. Dona Preta se descreve como uma mulher trabalhadora que sempre garantiu seu sustento e não gosta que sua história seja narrada com teor de sofrimento, então deixarei os acontecimentos ruins desse período fora do testemunho.

Em 1992 minha avó faleceu, vítima de um câncer no estômago. Ela não chegou a conhecer a mim e meus irmãos, nem viu minha mãe realizando seu sonho de ser professora formada, mas seu legado é presente em nossas memórias e caminhadas. Minha mãe relata que minha avó sempre queixou-se de dores no estômago, mas, na época, o acesso às políticas

⁷ Os ditames doutrinários da igreja são conhecidos pelo rigor no uso de roupas longas e diferenciadas para homens e mulheres, isto se dá pela construção do que se configurou como “usos e costumes” da AD, pretendo trabalhar essas questões no primeiro capítulo da dissertação.

públicas de saúde era muito difícil e só acessavam o serviço de saúde quando os profissionais iam até a comunidade. Dessa forma, quando minha avó conseguiu condições financeiras para ir ao médico, o caso já estava avançado.

A paixão pela docência e a vontade de garantir um futuro diferente reacendeu em minha mãe a vontade de aprimorar os estudos e foi através do projeto Gavião II⁸, criado pela Universidade Federal do Pará em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC), que minha mãe conseguiu terminar o ensino médio já no ano de 1994. Nesse mesmo ano ela adotou minha irmã mais velha, Samilles, e a família toda mudou-se do Tiningu para o Ramal da Moça, outra comunidade do planalto santareno distante 48 quilômetros da cidade de Santarém. A mudança foi brusca, pois minha mãe estaria longe de meu avô e meus tios que moravam em Ipaupixuna e precisou pedir demissão da escola onde lecionava. Na época meu pai trocou as suas propriedades do Tiningu, pois segundo ele o terreno era ruim para a criação de gado devido às serras. No Ramal da Moça a superfície da terra era plana, propiciando as condições ideais para o sustento do gado durante o inverno, alternando com os períodos mais escassos do verão, onde a boiada era conduzida até o único terreno na área de várzea que ainda pertencia ao meu pai.

Ao chegar no Ramal da Moça, minha mãe foi à procura do ambiente da educação que lhe era tão necessário e familiar. Havia uma única escola na localidade que funcionava em um barracão da Igreja Católica. Minha mãe encontrou a escola fechada por falta de professor, então se reuniu com a comunidade e conseguiu reabrir o local. Ela levava minha irmã Samilles para as aulas, pois não tinha rede de apoio e dividia sua atenção entre dar aulas e cuidar da minha irmã. Nas férias escolares ia para Santarém, pois quando terminou o Gavião II, ingressou no Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (CEFET)⁹, que lhe outorgou licenciatura plena e magistério para dar aulas na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Ao todo foram nove anos estudando e nesse intervalo eu nasci, pra ser mais exata em 5 de agosto de 1996.

⁸ O Gavião II era organizado como habilitação para o magistério em nível médio, com oito etapas e duração de quatro anos. O programa foi criado com o intuito de amenizar os déficits de aprendizagem no estado do Pará. Vale ressaltar que a garantia de educação como direito de todos só foi instituída em 1988 com a Constituição Federal e a implementação desse direito deu-se de forma lenta. As políticas de acesso à educação básica só foram efetivadas com a pressão dos movimentos sociais e este fator resultou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996) que instituiu as bases para a educação como alfabetização, ensino fundamental, médio e ensino superior. A LDB está disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em 6 de Setembro de 2022.

⁹ Atualmente é o Instituto Federal do Pará (IFPA), criado através da Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, pelo então Ministro da Educação Fernando Haddad no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em 4 de Outubro de 2023.

Minha mãe conta que foi uma gravidez difícil, visto que teve enjoos durante toda a gestação. Ela conta que quando sentiu as “dores do parto” arrumou minhas roupas e as dela e foi de carona com um caminhoneiro até Santarém. Eu nasci de madrugada, cabeluda e desconfiada. Nessa época ela já havia concluído o Gavião II e já estava no CEFET. No período das aulas levava eu e Samilles para Santarém e, enquanto estudava, nos deixava aos cuidados de uma das nossas tias.

Quando completei dois anos e meio, minha mãe deu à luz a minha irmã Isabelle. A ideia de ter uma irmã mais nova não me agradou muito, pois eu era muito apegada à minha genitora e ainda era amamentada. Nesse período, meu primo Calebe, filho caçula da tia Branca, foi morar conosco. Ele é 10 anos mais velho do que eu e nessa época “cuidava” de mim. Digo isso porque éramos duas crianças e ele não tinha idade para cuidar de mim. Minha mãe levava todas nós e Calebe para a escola, me distraía com brinquedos, enquanto minha irmã caçula ficava dormindo em um carrinho de bebê. Nessa época Samilles já era alfabetizada.

Eu me emociono toda vez que acesso essas memórias, pois me remete a muitas coisas que nos foram negadas. Minha mãe não teve direito à maternidade tranquila e amparada, pois trabalhava muito e não conseguia o fazer sem preocupações, também não tinha uma rede de apoio com quem pudesse nos deixar. Ela relata que quando crescemos um pouquinho passamos a ser cuidadas por Arnaldo, por apelido de Preto, que também é meu irmão e um dos cinco filhos do primeiro casamento de meu pai. Ele ficava conosco no período de férias enquanto minha mãe concluía o magistério. Em 2001, ela conseguiu o tão sonhado diploma de pedagogia. Minha avó não pôde estar presente, mas meu avô foi o paraninfo de mamãe e viu o sonho tornar-se realidade. Mamãe foi a primeira da família a ingressar e concluir o ensino superior.

Eu trago a história dessas mulheres no meu testemunho pois acredito que meu corpo é fruto de uma ancestralidade forte e dissidente. bell hooks (2013) nos ensina que a educação é uma prática libertadora. Na sua vida e em seus escritos nos trouxe inúmeras ferramentas para tornar a sala de aula um campo de trocas. Mamãe não teve a oportunidade de ler bell hooks, tampouco minha avó, mas ambas enxergaram a educação como rota de fuga à submissão. Minha bisavó construiu suas rotas de fuga em busca de melhorias para os dois filhos; minha avó seguiu seus passos e deu prosseguimento ao seu feito; minha mãe conseguiu driblar o fogo, a fome e a escravidão para transformar sua vida, a minha e a de meus irmãos através da educação.

Parte II: Eu sou porque nós somos

A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome (Evaristo, 2021).

Eu nasci e fui criada no sítio Santa Rita, no Ramal da Moça. Minha infância foi farta de muitas coisas. Em minha casa tinha tudo que eu considerava necessário: minhas bonecas, meus livros, meus animais de estimação e boas histórias que os irmãos da igreja contavam depois do culto. Eu sou a segunda de quatro irmãos do casamento de papai com minha mãe, mas ao todo somos doze, incluindo os filhos dos relacionamentos anteriores do meu pai.

No ramal moravam eu, meus pais, meu irmão Arnaldo, do primeiro casamento do papai e minhas irmãs, Samilles e Isabelle. Nós tivemos uma infância de uma família pobre do interior, não tínhamos luz elétrica e nosso principal meio de transporte era uma carroça. Meu pai criava gado e minha mãe era e ainda é professora de ensino básico. Mamãe dava aulas durante a semana e aos finais de semana cuidávamos das nossas plantações, fazíamos farinha de mandioca, vendíamos alguns alimentos na feira e, assim, minha infância foi acontecendo.

Eu digo que nasci em um teto pentecostal, pois como disse no tópico anterior, meu pai já era membro da igreja quando conheceu minha mãe e ela se converteu através do matrimônio. Pouco depois do meu nascimento meu pai doou uma parte do terreno para a construção de uma nova igreja, visto que a antiga estava bastante deteriorada. Não tenho registros fotográficos da igreja, mas lembro da placa na fachada que tinha como lema “Casa de Oração da Assembleia de Deus”¹⁰.

Meu pai auxiliava no trabalho da igreja e minha mãe era regente e solista do Círculo de Oração¹¹. Minha infância foi norteadada pela igreja e eu rememoro as limitações que meu pai impunha. Nesse contexto, não podíamos usar shorts, anéis, pulseiras e muito menos jogar futebol, pois tais atos eram considerados pecados mortais por ele. No entanto, eu e minhas irmãs construímos nossas rotas de fuga e quando ele saía, fazíamos bolas de sacos plásticos e brincávamos no quintal.

¹⁰ Pouco tempo depois da separação dos meus pais, nos mudamos definitivamente para Boa Esperança fazendo visitas espaçadas ao Ramal da Moça. Dessa forma não frequentavam mais a igreja do ramal e ela foi fechada pois os demais integrantes já frequentavam a igreja sede que fica em Boa Esperança. Anos depois essa igreja foi demolida contra a vontade de meu pai que por anos se recusou a frequentar a igreja sede em retaliação.

¹¹ Grupo formado por mulheres casadas da igreja evangélica Assembleia de Deus, que será foco de debate no capítulo “Dominação e controle em nome do Senhor? O Círculo de Oração Rosa de Saron”.

Nesse período estudávamos na escolinha que ficava na entrada do ramal, minha mãe era professora e dava aulas para duas turmas ao mesmo tempo. Como éramos crianças da mesma faixa etária, as turmas eram de segunda e terceira séries. Mamãe, além de professora, era a condutora dos alunos, visto que não tínhamos meios de transporte e nosso meio de locomoção era a nossa carroça conduzida por um burro que tínhamos. Nós achávamos uma grande brincadeira e nos divertíamos muito no percurso até a escola.

Quando eu tinha nove anos, minha mãe foi transferida de escola e passou a dar aula na comunidade de Boa Esperança, a sete quilômetros do Ramal da Moça e 43 quilômetros de Santarém. Eu, Samilles e Isabelle fomos com ela e a nossa rotina mudou, pois passávamos a semana em Boa Esperança e os finais de semana no ramal. Nesse período eu queria ser professora de matemática e estudava com esse intuito.

Quando completei doze anos, minha mãe deu à luz ao tão sonhado filho homem que ela desejava. No dia 2 de abril eu me tornei irmã de Gabriel Brian, um bebê bochechudo, cabeludo e muito chorão. A partir daí, assumi o posto de irmã mais velha, visto que minha irmã Samilles tinha ido embora de casa aos 15 anos. Eu estudava de manhã e, à tarde, cuidava do meu irmão. O cuidar é algo muito presente na vida de mulheres negras, principalmente porque o racismo estrutural inviabiliza o acesso da população negra à direitos básicos e não possibilita que mulheres como minha mãe tenham acesso a creches ou babás para cuidarem de seus filhos. Dessa forma, eu e minha irmã Isabelle revezávamos o cuidado para com Gabriel.

Nesse contexto também entra um espaço muito importante para minha formação, a Igreja Assembleia de Deus. Aquele espaço simbolizava um espaço de trocas afetivas, pois ali construímos laços e crescemos exercendo funções. Na infância eu me intitulava pregadora, na adolescência fui tesoureira da igreja e minha irmã era solista do coral e, mais tarde, se tornou líder de louvor da juventude.

Todavia esse espaço também era conflituoso, pois minha mãe havia decidido romper com o meu pai e, quando o fez, houve grandes mudanças, pois ela perdeu seus cargos na igreja, visto que era inaceitável o fato de uma mulher separada liderar grupos de mulheres, sendo empurrada para uma posição de doméstica na instituição, ao ser nomeada como chefe de refeitório posteriormente. No entanto, minha mãe sempre foi uma mulher subversiva, pois ela driblou o fogo, driblou a condição socioeconômica e dribla a igreja até hoje. Como pauta Audre Lorde (2019), as mulheres negras fazem usos de sua raiva e eu usei minha raiva dos espaços androcêntricos da igreja para teorizar sobre gênero e poder na academia, minha avó

usou a dela para sobreviver ao colonialismo e minha mãe para driblar a igreja e criar filhos para subverter o sistema patriarcal e racista.

Eu poderia pontuar muitas coisas sobre minha trajetória, mas quis exemplificar as mulheres que me construíram tendo em vista que minha caminhada acadêmica foi/é uma construção coletiva. Digo isso porque nós, pessoas não brancas, nunca chegamos sós na universidade, pois a educação é um projeto político de muitas famílias pretas, indígenas, quilombolas e pobres que não conseguiram acessar esse espaço e projetam um futuro de mudanças para seus filhos onde o foco é a universidade. Eu me torno antropóloga por um projeto que minha avó Maria de Neves e minha mãe, Maria Aldeci construíram. Tudo isso também graças ao trabalho árduo do movimento negro que lutou pela garantia de educação pública e de qualidade para a população negra e pobre.

Essa luta coletiva possibilitou que em 2019 eu me tornasse bacharela em Antropologia, onde através das tecnologias ancestrais que trouxe na minha bagagem e dos encontros que tive dentro da universidade, pude contar histórias de mulheres rebarbadas. No ano seguinte, levando adiante o meu exercício de tentativa de *rebarba*, trouxe minha indignação para o mestrado, pois quando nós, digo isso referindo-me aos corpos não brancos na academia, escrevemos nossa história e nomeamos os sentimentos, nos tornamos autores de nós mesmos.

Na igreja os testemunhos finalizam com uma música da harpa cristã ou um corinho, eu não finalizo esse testemunho, pois ainda há o que ser dito, mas para uma quase finalização deixo os últimos trechos do poema **Vozes-Mulheres** da grande intelectual Conceição Evaristo.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2021).

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce das minhas indagações de adolescente assembleiana perante um ambiente religioso em que todos os cargos do púlpito são destinados aos homens, pois as diretrizes normativas da igreja recomendam que as funções eclesiais de pastor, presbítero e diácono¹² devem ser ocupadas por eles. Meus questionamentos ficaram silenciados durante anos até que em julho de 2018, no processo de construção do projeto de TCC eu tive acesso a uma reportagem da *BBC News* sobre Frida Strandberg, uma das instauradoras da doutrina pentecostal no Brasil e “fundadora” da igreja Assembleia de Deus (ADs). A reportagem intitulada “A missionária sueca perseguida no Brasil, internada em hospício e 'esquecida' pela História”¹³ me causou espanto e angústias profundas. A notícia retratava a “fundadora” que fora internada em um manicômio por querer exercer seu chamado divino no púlpito. A inquietação com a história desta mulher, de quem nunca tinha ouvido falar, foi tamanha que resolvi questionar os motivos que levaram a igreja a silenciar seu protagonismo e coibir outras Fridas a exercerem trabalhos de liderança, logo, isso resultou na minha monografia de conclusão do bacharelado em Antropologia (Costa, 2019).

Segundo o Censo do IBGE (2010), 22% da população brasileira se declara evangélica, sendo que a região Norte alcança o índice de 28,5 %. Em Santarém/PA, os dados apontam 25,4 % da população como professante dessa fé. A evangelização protestante na região tem início ainda na primeira metade do século XIX com a vinda de missionários norte-americanos. Todavia, o pentecostalismo na região Norte tem início nas primeiras décadas do século XX com a vinda de missionários suecos para a Amazônia.

Nesse ínterim surgem as Assembleias de Deus¹⁴ em 1911 na cidade de Belém do Pará, através de um grupo dissidente da Primeira Igreja Batista em Belém que aderiu à mensagem pentecostal dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Na época a instituição adotava a nomenclatura de Missão de Fé Apostólica e, ao ser oficialmente registrada em 1918, passou a se chamar Assembleia de Deus (Alencar, 2012; Fajardo, 2015; Freston, 1993). Segundo André Fonseca e Marcilene Farias (2019) esse primeiro momento da

¹² Tais funções fazem parte da hierarquia da igreja e na Assembleia de Deus somente homens podem ocupar tais cargos como prevê o Artigo 5º, cap. 3 do Estatuto da Convenção Geral dos Ministros das igrejas evangélicas Assembleias de Deus do Brasil. Disponível em: <http://cgadb.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Consolidac%CC%A7a%CC%83o-do-Estatuto-Social-da-Convenc%CC%A7a%CC%83o-Geral.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

¹³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>. Acesso em 18 jul. 2018.

¹⁴ Nesse primeiro momento utilizo a terminologia no plural, visto que trata-se de uma conglomerado de igrejas que não necessariamente tem a mesma matriz doutrinária. Para esse debate ver os trabalhos de Gedeon Alencar (2012) e Maxwell Pinheiro Fajardo (2015).

igreja foi marcado pela ampla participação das mulheres, todavia, uma delas ao almejar “transpor os limites que demarcavam a atuação feminina na igreja” (*Ibid.*, p.317) foi duramente atacada. A mulher em questão era Frida Maria Strandberg que chegou ao Brasil em 1917, casou-se com Gunnar Vingren três meses depois e tornou-se uma figura crucial na implementação da igreja em território nacional. Todavia, sua postura independente foi alvo de represálias e serviu de base para a construção do estatuto da AD que, em 1930, mostrou-se totalmente contrário ao exercício do ministério feminino¹⁵ na igreja (Daniel, 2004, p. 40), o que até o presente torna-a uma instituição que não consagra mulheres ao pastorado. Esse fator é evidenciado nas comunidades interioranas do estado do Pará, nas quais é reservado às mulheres apenas papéis subservientes.

A igreja que serviu de base a esta pesquisa é a Assembleia de Deus em Boa Esperança¹⁶, o teto pentecostal onde nasci e fui criada, onde os cargos ministeriais são outorgados apenas aos homens, visto que a instituição crê que a mulheres foram criadas com o intuito de serem suas “adjutoras”. Desta forma, destinam a elas trabalhos de auxiliaadoras, professoras, cantoras, nunca chegando a cargos de liderança, tais como o pastoreio. Nas ADs elas também exercem a função de participantes do Círculo de Oração (CO), um dos departamentos mais importantes da igreja, que as reúne para fazer atividades como louvor, oração, pregação, evangelismo e ações sociais. Na AD em Boa Esperança o CO é um grupo exclusivo de mulheres, reconhecido pela comunidade pelo seu “poderio simbólico”, pois elas são consideradas os “pilares da igreja”, todavia esse poder esbarra na estrutura misógina da instituição que utiliza a fé como mecanismo de subjugação e controle dos corpos das mulheres.

Diante deste cenário, esta pesquisa objetiva entender as relações assimétricas de gênero enquanto instância de poder na igreja Assembleia de Deus em Boa Esperança, sendo mais especificamente voltada à compreensão das formas de atuação feminina dentro deste espaço e a percepção das mulheres assembleianas sobre o lugar que ocupam na igreja.

¹⁵“Ministério” nesse contexto denota o que Gedeon Alencar (2012, p. 86) denomina como ministério estamental “[...] titulações classistas alcançadas, inicialmente, por carisma pessoal ou por relações patrimoniais burocráticas, para exercer nas igrejas locais funções de seus cargos”.

¹⁶ Igreja vinculada à Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará (COMIEADEPA) e a Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil (CGADB).

1.1 A escrevivência e a busca por um corpo rebarbado - Caminhos Metodológicos

Apresento como principal caminho metodológico, a escrevivência, recurso afrodiaspórico cunhado pela intelectual Conceição Evaristo (2018) que traduz a materialização das insurgências dos corpos negros através da escrita. Em seus escritos a autora opera a escrevivência como recurso que con(funde) escrita e vida, dessa forma, o que se escreve é um texto ficcional que funde as histórias narradas com a identidade da personagem narradora. Para Conceição Evaristo (2019):

O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e babás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências (Entrevista concedida à PUCRS, 2019)¹⁷.

Deste modo uso a escrevivência como método ou recurso etnográfico, como queiram chamar, pois o que se traduz nesse texto não é um relato de experiência, ou uma “afetação” como no caso de Jeanne Favret-Saada (2005), mas parte do que nomeio como antropologia contra-colonizadora. Para o intelectual quilombola Antônio Bispo, Nego Bispo como costuma ser chamado, a contra-colonização engloba todos os processos de resistência ao etnocentrismo. Portanto o que se vê no decorrer desse texto não pode ser visto como autoetnografia, mas uma escrevivência, pois remete a um espaço onde nasci e fui criada com uma estrutura que opera até hoje em meu corpo. A pesquisa também não segue o esquema metodológico de levantamento bibliográfico, campo e escrita. Visto que meu campo também sou eu e as histórias que foram generosamente compartilhadas com o “eu pesquisadora” se con(fundem) com as experiências perpassadas em meu corpo durante os 25 anos que estive na igreja.

Como recurso de análise busquei me refugiar na epistemologia feminista negra (Collins, 2019). Inicialmente vi meu lugar na pesquisa como uma forasteira *-outsider within*¹⁸- por estar dentro da igreja, mas olhando a partir de um “lugar acadêmico”. No entanto, após os

¹⁷ Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em 24/01/2022.

¹⁸ Para Patricia Hill Collins (1986) *Outsider within*, refere-se a posição de fronteira ocupada por grupos de poder desigual. No âmbito acadêmico, esta posição permite às pesquisadoras negras constatar elementos da sociedade a partir de fatos de suas experiências.

apontamentos da professora Carla Ramos na banca de qualificação, percebi que o meu distanciamento era mais uma vontade do que algo concreto, pois quanto mais eu buscava me distanciar para produzir um material menos contaminado possível, mas eu era assolada pelo pertencimento àquela comunidade de fé. Eu era a menina que tecia críticas contundentes à igreja durante a semana na universidade, mas às sextas-feiras pegava o ônibus das 18h para chegar às 20h na Boa Esperança, a tempo do ensaio do coral. Talvez neste período o fato de ter escolhido a igreja como campo, tenha sido, justamente, para que eu pudesse "permanecer" naquela estrutura usando um certo "verniz" (academia) de distanciamento e crítica.

A qualificação e todos os apontamentos que recebi da banca, somados a todas as mudanças, experiências e desafios de vida que vivi desde a qualificação – que até aqui envolvem uma mudança de cidade, afastamento da minha família biológica, construção de uma família estendida soteropolitana, nascimento de novos sonhos e desejos – me obrigaram para além de "revisitar a pesquisa", reviver memórias. Este exercício e compromisso político de "falar" me impôs reescrever a partir das mudanças e transformações sofridas pela pesquisadora.

E embora durante a graduação na UFOPA, eu tenha acessado uma formação em teorias de uma Antropologia negra e/ou contra-colonial, e de ter a Escrivência - conceito e ferramenta investigativa e intelectual tão preciosa para corpos negros em "campo" legadas a nós por Dona Conceição Evaristo como escolha metodológica - durante o processo de revisão do que eu já havia escrito, percebi que: Eu prometi mas, eu não queria dar.

Foram meses me debatendo com a necessidade e a dor de falar, de escreVIVER. O processo de silenciamento de nós mulheres negras é um fato narrado e estudado por intelectuais negras reconhecidas na Academia e uma delas, Dona Sueli Carneiro, em sua tese de doutoramento nos informa sobre o epistemicídio¹⁹. Refletindo sobre meu silenciamento no texto da minha própria pesquisa, pude constatar que a morte/assassinato da minha fala, da minha análise se dava numa instância anterior a que Sueli Carneiro evidencia em 2005, se dava na culpa cristã e no medo da fala/texto. Chorei, tive pânico e quase desisti. As conversas com a cineasta Urânia Munzanzu me provocaram a ter coragem, mas eu tinha mesmo era medo e culpa de estar "falando". Num desses debates sobre a minha pesquisa que tive com Urânia, ela recitou um verso de seu poema que dizia: "Coragem é medo seguindo em frente".

¹⁹ CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 04 jun. 2023.

Com medo, mas acompanhada da coragem das minhas ancestrais, tomo para mim e para minha voz a reescrita do texto, o refazimento das reflexões e tento assim mergulhar nos mistérios de falar e com jeito e mandinga, vou colocando a minha voz no texto na intenção de ajustar o que aqui está dito, ao tamanho das mudanças vividas pelo meu corpo e pelo meu olhar sobre o mundo.

1.2 Fé de morte, subjugação e um "campo" perturbador

Faz total sentido pra mim a resistência ao ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas (Anzaldúa, 2000, p. 234).

Ponto campo entre aspas, pois não há uma demarcação exata de quando ele tem início, pois, eu também sou meu próprio campo e as indagações e reflexões que trago aqui já me acompanham desde a adolescência num tempo/memória que não consigo precisar com exatidão. Portanto, informo que cada traço descrito aqui foi vivenciado antes da escrita. A minha entrada na universidade apenas proporcionou que estas memórias pudessem ser analisadas à luz de teorias.

Como atesto no meu testemunho, essa pesquisa surgiu de inquietações que me cercam, mas somente em 2018 eu pude trazer isso para fora do ambiente religioso. Posso dizer então que a análise da temática ocorreu em dois momentos, o primeiro de 2018 a 2019 e o segundo iniciou em 2020 e ainda está em curso.

Em julho de 2018 eu tive acesso à reportagem da *BBC News* sobre Frida Vingren e, após decidir que aquele seria um caminho para a construção da minha monografia, eu iniciei a recomendação metodológica das ciências sociais, mais precisamente, segui o que Umberto Eco (2008) recomenda, e parti para a investigação bibliográfica sobre a vida de Frida Vingren. Através das leituras prévias delimitei que naquele momento focaria nas reuniões do Círculo de Oração da AD em Boa Esperança. Sendo assim, em setembro de 2018 eu pedi autorização à presidenta do grupo para acompanhar as reuniões exclusivas do Círculo de Oração que ocorriam às segundas à noite e aos sábados pela manhã. Logo, passei a atuar como "agente duplo", visto que, ao mesmo tempo que eu já era conhecida das minhas interlocutoras, também tinha um elemento comigo - o famoso caderno de campo - que me fazia operacionalizar dois extremos: a igreja e a academia.

Obtive uma boa recepção por parte das irmãs, mas seus olhares denotavam que ali

não era meu lugar. Pela organização hierárquica da AD de Boa Esperança eu só poderia acessar aquele espaço após o casamento, mas ali estava eu com um caderno de campo e cheia de inquietações a serem respondidas por elas ou não. A princípio eu deveria seguir o que a cartilha clássica da antropologia me sugeria e utilizar as diretrizes de Roberto Cardoso de Oliveira (2000) em “olhar, ouvir e escrever” e a observação participante de Bronislaw Malinowski, mas não se tratava de um campo clássico da antropologia. Eu estava entre as mulheres que acompanharam toda a minha vida, dentre elas, minha mãe. Ali eu era a pesquisadora, mas ao mesmo tempo era a jovem do coral e filha da irmã Preta.

Meu primeiro dia na reunião do grupo foi no ensaio de segunda-feira, eu cheguei acompanhada da mamãe não sentei junto com elas, mas na bancada da lateral e fiquei ali até começarem a reunião. Alguns minutos depois a irmã Maria da Luz chegou, ela era presidente do CO nesse período e como todas as irmãs me conheciam desde criança, com o adendo de que irmã Maria da Luz fora minha professora de sociologia e filosofia no ensino médio. Eu estava ali cheia de receios, pois, eu estava acessando a intimidade de irmãs mais velhas que não costumavam desabafar sobre suas vidas ou compartilhar suas vivências comigo. Além do mais eu estava em um espaço que era também da minha mãe, ali ela também expunha coisas que eu enquanto filha não tinha acesso. Outro desafio que encontrei foi nos desafetos da mamãe que simpatizavam muito menos com minha presença ali. No entanto, mesmo diante de tantos receios, eu decidi me arriscar.

Retomando a chegada de Irmã Maria da Luz na reunião, ela veio seguida da oração das irmãs para iniciar a reunião. Eu estava ali na lateral tentando ficar o mais despercebida possível para não atrapalhar a reunião. Esse foi um dos muitos enganos que cometi, pois o fato de sentar ali já mudava toda a liturgia. Depois de orarmos, a irmã deu os avisos do que iriam tratar e falou da minha presença ali. Ela pediu também que eu me apresentasse, afinal eu estava “fazendo pesquisa”. Eu sempre fui extremamente “faladeira”, mas resumi em poucas palavras meu intuito ali e pedi permissão a elas para estar no espaço e fazer anotações. Nas reuniões eu anotava o que conseguia e ao perceber que os olhares estavam voltados pra mim, deixava o caderno de lado e buscava não atrapalhar totalmente a liturgia da reunião. Algumas vezes as irmãs me incumbiam de funções como preencher o caderno de presença, onde há o controle de quem está participando das reuniões, e eu fazia o papel de “secretária”. Em outros momentos elas me pediam para anotar as suas demandas ou assumir a sonoplastia dos ensaios.

Eu acompanhei as reuniões de setembro até a data da festa²⁰ em novembro de 2018, depois disso voltei a acompanhá-las durante os meses iniciais de 2019 e fiz registros da festa seguinte que ocorreu em outubro daquele ano. No primeiro momento, além de registrar em caderno de campo os ensaios, a festa e as demais reuniões, eu realizei duas entrevistas, uma com a presidenta do grupo e outra com uma das fundadoras. Em 2020 a pesquisa foi interpelada pela pandemia da Covid 19, a igreja ficou boa parte do tempo fechada e como o acesso à internet na comunidade era muito escasso, naquele ano eu não consegui desenvolver o projeto inicial do mestrado.

Em 2021 houve o relaxamento das medidas anti-covid e a igreja voltou a funcionar, tornando possível o retorno das reuniões das irmãs. Inicialmente eu hesitei em acompanhá-las, visto que minha mãe tem doenças crônicas, todavia ela voltou a frequentar os encontros do grupo e me convidou a lhe ajudar na venda de lanches para angariar recursos à construção do novo templo. O primeiro evento geral do círculo de oração aconteceu seguindo o protocolo de saúde vigente do município de Santarém, mas isso não evitou que 11 irmãos - inclusive minha mãe, meu irmão e meu pai - testassem positivo para covid-19. Depois desse episódio eu decidi que não faria mais o acompanhamento presencial das reuniões e passei alguns meses sem fazer a pesquisa da forma mais convencional, a saber, visitando o campo e conversando com minhas interlocutoras.

Ainda em 2021 pensei em adotar as instruções do “Guia de pesquisa na Quarentena” de Ana Lacerda e Laís Ramalho (2020), mas o principal empecilho para o desenvolvimento da pesquisa era a ausência de internet. A comunidade Boa Esperança não tem sinal de operadora telefônica e no início da pandemia o acesso à internet sem fio era precário. Desta forma, fiquei impossibilitada de realizar entrevistas online naquele momento, mas após tomar minha primeira dose da vacina, eu pude acompanhar alguns eventos organizados pelas irmãs que aconteceram entre julho e setembro de 2021.

1.3 Encruzilhadas da escrita - Uma estrada de silêncio ou um caminho para falar?

Ressalto que essa pesquisa é imbricada de muitos elementos: no que me move enquanto intelectual, no que aprendi ao longo dos anos na academia, nos recursos que minha ancestralidade me oferece, no diálogo com as interlocutoras. Mas, sobretudo, essa pesquisa é feita dos saberes aprendidos na mata, da lâmina afiada do terçado que ganhei aos cinco anos

²⁰ “É um rito que ocorre anualmente na igreja, sendo realizada por todos os departamentos de louvor da AD Boa Esperança. Simbolicamente, celebra-se o aniversário dos departamentos, onde comemora-se mais um ano de existência do grupo, bem como o resultado do trabalho realizado” (Costa, 2019, p. 33).

de idade, da ética do povo do mato que sou, essa pesquisa é feita de terra, igarapé e de um Antropóloga que respeita bicho e o pé da Castanheira.

Em alguns trechos eu testemunho, em outros eu busco analisar sociologicamente as estruturas da igreja, tensionar sobre as injustiças de um espaço dominado por homens e nos demais eu apenas tenciono, pois entendo que para algumas perguntas ainda não tenho e talvez nunca terei respostas. Em alguns momentos os registros aqui transcorridos podem ser entendidos como autobiografia ou antropologia engajada, mas eu os nomeio de contra-antropologia, pois parto do meu eu, enquanto membra da igreja, e percorro o caminho de ir-e-vir subsidiado um pouco pela antropologia e muito pela subversão de Antropólogas negras que me "emprestaram" seu terçado para que eu pudesse riscar meu texto/vivência. Sob essa lógica eu estou implicada; e, quando dialogo com as irmãs, eu não sou vista pela agência só da pesquisa, da pesquisadora ou da igreja, pelo contrário, essas três esferas se entrelaçam.

A tentativa de transformar em etnografia essa escrevivência é tomada pelo desconforto, pois como bem pontua Glória Anzaldúa (2000, p. 234) “escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela”. A escrita desse texto revelou dores, rupturas e em alguns momentos uma certa esquizofrenia da pesquisadora, cada abismo ou degrau, tudo está descrito nas laudas seguintes. Esse texto é atravessado pelos processos que ocorreram em minha vida durante os 3 anos que estive no mestrado e na vida. O medo da escrita também está repleto da necessidade de falar, romper com a máscara de silêncio e sair de um lugar de colonização do meu corpo. Digo ao leitor que o que segue é uma tentativa de falar. Mas, eu ainda não sei se, de fato, um corpo subalternizado pode falar.

Para além disso, este texto é a materialidade do que é necessário ser exposto não apenas para ter mais acervos teóricos sobre a igreja, mas também é uma denúncia. Aqui faço o trabalho duro de - mesmo com e apesar do medo - materializar na escrita uma declaração inequívoca de indignação e crítica, sobre como operam as estruturas de opressão que atuam sobre os corpos das mulheres e de suas subjetividades dentro da igreja.

1.4 A sobrinha de Exu - Cafés da manhã com uma Antropóloga rebarbada e sapatão

Tem quem dê a bença'
Tem quem bata a cabeça
Tem quem descalce pra se plantar
Eu vim de lá
Me tiraram de casa
Mas tô aqui
E eu vou cantar pra retornar (Trecho de uma música de Sued Nunes, 2021).

Figura 2 - A professora feiticeira e sobrinha de Exu



Fonte: Acervo Projeto Mulheres Negras em Rotas de Liberdade²¹. Presente para Iemanjá, no Omo Ilê Agboulá, Ilha de Itaparica, Bahia. Foto: Jeff Dias (2023)

²¹ Mulheres Negras em Rotas de Liberdade é um documentário dirigido pela cineasta Urânia Munzanzu - e se encontra etapa de pesquisa - e em 2024, irá percorrer os países africanos: Gana, Benin, Togo, Nigéria, Senegal e Cabo Verde com as ativistas Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Érica Malunguinho, Mirtes Renata, Carla Akotirene, Luedji Luna como objetivo de refazer a *Rota dos Escravos* e desde África, refletir sobre liberdade e corpo a partir da perspectiva dessas ativistas.

Em julho de 2019 eu estava em mais um dia da minha rotina na Universidade Federal do Oeste do Pará, naquele momento eu estava “desorientada”, pois minha orientadora à época, fora aprovada no processo de doutorado e licenciada pelo curso de Antropologia. Ela saiu de licença, mas nos deixou com a missão de esperar uma professora que estava voltando do seu *Phd* no Texas. Eu já conhecia essa professora de conversas nos corredores do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS) e lembrei que em 2016 ela promoveu um minicurso sobre feminismo negro. Nos corredores ela era conhecida como “a lenda”, pois seus alunos eram famosos por alcançarem os primeiros lugares em programas de pós-graduação em Universidades de prestígio. Ela também foi responsável por produzir o documento que acabou por definir a missão e atuação do ICS; foi também uma das responsáveis pela criação dos processos seletivos especiais indígena e quilombola. Esperávamos a chegada da professora Carla Ramos, que eu conhecia de “ouvir falares nos corredores” e do mini curso que fiz com ela. Na fotografia é ela pessoa em destaque que segura o balaio de presentes para Iemanjá(fig.2). Eu trouxe primeiramente essa fotografia porque ela define muitas perspectivas da atuação dessa professora em sala de aula e dos impactos de tudo que ela carrega e faz na minha formação intelectual e acadêmica.

[...]ela é filha de Ogum e ela sempre diz que Exú é tio dela. Além da devoção ao senhor das encruzilhadas, penso que ela diz isso com toda razão, afinal Exú e Ogum são irmãos (Munzanzu, U., 2023).

Trago esse trecho para explicar a escolha do título dessa seção e para trazer um pouco do impacto do feitiço dessa professora. Feitiço inclusive é uma categoria analítica vastamente usada por ela em muitas das suas aulas.

Em setembro de 2016, já cursando o 4º semestre de Antropologia na UFOPA, eu soube pela coordenação que seria ofertado um minicurso de *antropologia feminista negra Experiência Vivida, Ativismo Político, Interseccionalidade e Sexualidades*. Eu era a aluna curiosa que gostava de participar de tudo, naquele mesmo dia escrevi para a professora: “Olá sou Thaís de Oliveira Costa, sou aluna de antropologia e gostaria de me inscrever no minicurso ministrado por você na próxima semana na Ufopa!” Ela prontamente respondeu: “Obrigada, Thais. Nos encontramos no próximo dia 14, no campus Boulevard, no Laboratório do ICS, às 18. Um abraço e bom final de semana!”

Nessa época eu ainda estava conhecendo a Universidade, os movimentos sociais e

nem me via como uma pessoa negra, muito menos conhecia as correntes e teorias feministas. Eu era uma jovem questionadora da igreja que não tinha repertório para elaborar sobre os incômodos que me atravessavam naquele espaço. Durante o curso, a professora Carla nos apresentou as intelectuais negras Kimberle Crenshaw, Dora Santana, bell hooks, Audre Lorde, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Giovana Xavier, Jurema Werneck. Ela também trouxe para a Universidade duas intelectuais do terreiro Ilê Axé Otô Sindoya, a Iyalorixá Ozanélia e a Iya Kekerê da Casa - Mãe Izonara.

Eu não tenho nenhuma fotografia do curso, mas lembro de como fiquei impactada por aquelas aulas, a dinâmica iniciava sempre com alongamentos, ela nos dizia “vamos colocar nossos corpos para falar”. Talvez fosse a primeira vez que alguém ao invés de me mandar calar, me convidava a falar. Ali eu não fazia ideia do que isso significava na prática, mas eu sabia (talvez de forma subjetiva) que tudo que eu queria era poder falar. Ao longo do curso exercitamos o que Audre Lorde diz sobre colocar o silêncio em linguagem e ação. A professora Carla nos dava textos das autoras citadas acima, mas não exigia que a gente falasse do texto em si, ela queria ouvir sobre nossas trajetórias e como estas estavam entrelaçadas com as teorias daquelas intelectuais. Ela nos ouvia, perguntava sobre quem éramos, o que nossos corpos queriam dizer, quais razões nos levaram a uma sala de aula de antropologia. Ali eu me dei conta de que eu era a Thaís, uma mulher negra, da roça, que estava descobrindo uma brecha para encontrar um novo lugar no mundo. Ali eu também entendi que o que me foi ensinado pela igreja sobre terreiros de candomblé não era o reflexo da realidade, eu ainda não tinha dimensão do que era racismo religioso, mas lembro que depois falei pra minha mãe que tinha visto uma *roda de terreiro* e não tinha nada *do demônio* como a igreja nos ensinou²².

O curso chegou ao fim e a professora Carla retornou ao Texas, mas deixou pequenas fagulhas de revolução e recomendações de que cuidássemos do nosso *Orí*. Em 2016 eu não tinha dimensão de como aquela semana mudaria meu caminho. A vida seguiu seu curso e em 2019 esse encontro reverberou em uma ORÍ[entação]. Em junho daquele ano, a professora Carla retornou à UFOPA, eu estava empacada com o TCC. Já estava escrevendo sobre a igreja, mas faltava coragem para dizer, Audre Lorde nos ensina que o silêncio não é

²² Aqui um pequeno adendo, eu nunca tinha entrado em terreiro antes do minicurso e achava que não conhecia ninguém de santo em Santarém. Em uma conversa com Warlison, meu amigo que também fazia o curso, ele me disse que sua avó paterna, de uma das famílias mais antigas da Boa Esperança, “tinha isso de ficar incorporada por um espírito”, mas ele não sabia dizer qual era. Na comunidade ninguém falava sobre isso abertamente, mas depois da informação de Warlison decidi perguntar a meus vizinhos sobre dona Odete e eles disseram que há muito tempo acontecia na frente da casa dela “umas rodas” onde todos iam vê-la dançar incorporada, não sabiam ou não se sentiam à vontade para dizer mais detalhes, tampouco Warlison conseguiu dizer mais informações.

uma proteção, ele é tirano. “É preciso nomear as violências, Thaisinha” e foi assim que reencontrei a professora Carla. Nosso primeiro reencontro foi marcado por outra grande intelectual, dona Conceição Evaristo. Nesse dia fui presenteada com Insubmissas lágrimas de mulheres e meu texto que era pra ser uma análise apenas sobre Frida Vingren (uma mulher branca e sueca) passou a ser sobre mim também uma jovem negra, nortista e santarena.

Eu busquei seguir este conselho, apesar do medo do território desconhecido, encorajada por ela escrevi pela primeira vez sobre a igreja, foi um exercício doloroso, pois eu achava que aquele trabalho poderia produzir fissuras na igreja. Eu ainda não entendia que era meu corpo que estava enclausurado, o exercício era olhar para dentro, para as cicatrizes me fazia recuar, eu estava "decidida", mas nem tanto. A Professora Carla e as teorias que ensinava, me desafiavam não somente a "falar sobre a igreja", mas me desafiava a discordar de um cara! Foi difícil começar a escrever, eu tinha medo de não saber fazer e para piorar meu nervoso minha porca estava prenha e perto de parir e tudo que eu queria era fugir para o Ramal da Moça. Eu também queria que a professora desistisse de mim queria fugir da "missão", mas ela seguiu firme com o propósito de nos formar. Éramos sete estudantes na etapa de finalização do TCC, mas, cada um de nós com um tipo de dificuldade.

Obediências aos mais velhos é uma virtude que carrego e foi o que me salvou, mesmo eu achando que não ia dar conta. Cumpri as ORÍ[entações] e um "plantão de escrita" organizado pela professora Carla para um grupo de 3 estudantes: eu, Igor e Larissa. Penso que essa medida foi necessária porque, provavelmente, nós éramos os mais problemáticos e fugidios da missão de terminar o curso. Ela acompanhava cada passo nosso e lia tudo. Tudo! Nós fomos avançando na escrita dos nossos TCCs juntas. No dia 18 de dezembro de 2019 eu cheguei na UFOPA para defender meu TCC com o título “Eu discordei de um cara: Um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança - Santarém/PA: um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança - Santarém/PA”, na minha aprovação pela banca até parecia um louvor dos céus cantado por anjos nos meus ouvidos. E com um abraço apertado e cheio de recomendações para o futuro saídos da boca de uma Mestra que cumpriu além do seu dever, sua missão de formar gente, ela “me despachou” para o mestrado.

Figura 3: A sala de feitiços



Fonte: Pedro Jorge (2019)

Aquele foi um final de ano tumultuado, voltar para a casa da mamãe/voltar para a igreja teve um incômodo maior. As falas dessa intelectual que conseguiu arrancar pequenas palavras do meu corpo ainda acorrentado reverberam forte em mim: “Tem que implodir essa estrutura, Thaisinha”, mas a recém-antropóloga que criava porquinhos ainda tinha muito medo de falar. Defendi e, a organização da festa e da outorga era o melhor de tudo, eu estava feliz e muito eufórica. A UFOPA tinha uma reitoria negacionista e bolsonarista que se recusava a parar as atividades acadêmicas como outras universidades já tinham anunciado e se mostrava inerte às recomendações da OMS²³. E eu ainda sem entender direito a gravidade do que estava acontecendo, planejava outorgar no dia 19 de março e viajaria no dia seguinte para Belém, pois as aulas do mestrado já estavam acontecendo.

No dia 17 de março eu e meus colegas de Instituto que concluíram naquele

²³“Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus” Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 16 de setembro de 2023.

período comparecemos ao auditório da Ufopa para nosso ensaio da tão sonhada outorga. Depois do ensaio recebi uma mensagem da professora Carla que também era coordenadora do curso de Antropologia, e em tom indignado me dizia: "Thais, o que você estava fazendo numa sala cheia de gente? Não vai ter outorga Thais, estamos numa pandemia. Não é seguro vocês estarem aglomerados. Isso é loucura. Você é uma cientista Thais, não se esqueça disso. Você não pode desconsiderar uma declaração da OMS. Vá pra casa e não sai de lá até a gente ter mais informações. A Universidade precisa parar. Estamos numa pandemia e se não tomarmos cuidados vamos todos morrer. Assim que eu tiver mais informações eu aviso, por hora a universidade precisa parar". Voltei para casa, não tive outorga, mas eu tinha mais que uma professora, tinha uma Mestra e era um Antropóloga nascendo.

O ano seguinte veio com uma pandemia e o ensino remoto, o meu plano de fugir da igreja indo morar na capital não deu certo, quando mais eu achava que estava saindo da igreja, mas caminhava para dentro. Nesse percurso, Santarém era um perigoso demais para os santarenos e era pior para os "de fora", pois a maior autoridade da cidade, o prefeito Nélio Aguiar, médico de formação, acreditava que o sol matava o coronavírus²⁴. A professora Carla retornou com sua esposa para sua casa em Salvador, mas sempre preocupada com seus alunos ela nos monitorava à distância e montou planos de ajuda para os estudantes mais vulneráveis. A pandemia seguia com angústias, negligência, *fake news* e o meu corpo cada vez mais com medo de sair da estrutura de opressão.

Em 2021 com vacinas em curso, a professora Carla retornou com a família para Santarém, para as aulas remotas e para disputar a reitoria da Ufopa. Naquele momento, ao revê-la, renasceu em mim fagulhas de revolução e esperança que ela tinha plantado nos anos anteriores. Ela trabalhou arduamente naqueles meses de campanha, mas Santarém não estava preparada para uma professora negra e sapatão assumir a cadeira da reitoria da única Universidade Federal da região. Ao mesmo tempo, a cidade mais bolsonarista da região experimentou uma oposição nunca antes vista. Santarém é território em retomada e foi um recado importante aos senhores de engenho.

Um pouco antes de retornar para Salvador eu disse a ela do meu desejo de ir para Belém finalizar o mestrado, ela me perguntou se não queria ir para Salvador, pois ela e sua companheira podiam me receber e me acolher por 3 meses para eu terminar a dissertação. No início eu relutei, mesmo Salvador sendo o sonho de moradia da minha vida, eu não sabia o

²⁴Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/27/medico-prefeito-no-para-cre-que-sol-que-n-te-mata-covid-e-nao-fecha-comercio.htm>. Acesso em 04 de Setembro de 2023.

que me esperaria ao cruzar a Baía de Todos os Santos. Um dia na cozinha da minha casa a professora Carla, sua esposa e minha irmã Isabelle se juntaram para me dar coragem ela e sua companheira me garantiram abrigo. Aceitei fazer essa travessia, me despedi do Rio Tapajós e fui encontrar o mar. bell hooks fala que é preciso cruzar fronteiras para construir uma comunidade pedagógica, no meu caso ao cruzar a baía de todos os santos eu fui acolhida por um quilombo, a família Munzanzu.

A princípio eu compreendia minha vinda a Salvador como uma rota de fuga da igreja, a princípio seriam 3 meses para construir a qualificação de mestrado que eu não conseguia transformar em linguagem morando em Santarém. Todavia, ao chegar na cidade eu tive certeza que a estadia seria longa. A primeira coisa que me deixou em êxtase foi o motorista de aplicativo falando de como derrotaríamos Bolsonaro nas ruas, depois veio a agonia da Avenida Sete com Edson Gomes cantando “e eu sou uma árvore bonita”. Eu estava na terra onde nasceu o MNU, na Roma Negra, o lugar onde Lélia Gonzalez trouxe seu Orí para aprender as tecnologias que hoje nos servem como teorias amefricanas. Não tinha culto aos domingos, nem opressão do pastor, mas tinha livros, samba, mar na janela, uma casa cheia de livros e duas grandes Mestras. Eu estava na cidade que ia me salvar da dor!

Eu troquei o refeitório da igreja pela mesa de café da manhã da família Munzanzu e ali que dei os primeiros passos para na direção da intelectual negra e rebarbada que quero ser num futuro próximo. Os cafés com a professora feiticeira, rebarbada e sapatão, passaram a ser minha nova rotina. Todo dia às 06h era uma aula que não se resumia a teorias, mas também em práticas cotidianas que eu vivenciava com a família Munzanzu. A cozinha que não era o lugar que eu tinha tanta simpatia, na casa das Munzanzu é território sagrado e passou a ser o lugar que eu mais amava. No meio de comidas cremosas feitas hora por professora Carla, hora por sua esposa que além de cineasta é *master chef*, eu aprendi a ouvir, “tem que escutar Thaisinha”, depois de um tempo eu entendi que o que ela estava dizendo/fazendo, era me ensinando a aplicar na prática a teoria que ela criou em sua tese. Ela estava me ensinando etnORÍgrafia. Um conceito analítico dos estudos de raça e gênero defendido em sua tese de doutorado na Universidade do Texas em 2018 que nos ensina a ouvir pelo Orí. Para que eu desse partida em um texto de dissertação que denunciasses as opressões que assolam os corpos de mulheres na igreja, que revelasse as vitórias da minha jornada e da jornada das minhas ancestrais, para que eu pudesse falar com minha própria boca. Mas antes eu precisava etnORÍgrafar, ouvir não apenas com ou ouvidos, mas com o espírito das matas que me criou. Eu precisava de novas palavras para conseguir dizer, e ela as

tinha.

Nesse momento a pedagogia do feitiço se desenrolava com uma estudante ainda medrosa. Eu, a essa altura, já tinha minha casa em Salvador e era vizinha da família Munzanzu. Então todos os dias cedinho eu passava ritualmente na padaria, comprava pão quentinho da padaria de seu Manoel e a professora feiticeira que oferecia, o café, a mesa, a casa, o conhecimento, o afeto, o tempo para que eu conseguisse desamarrar os nós que amarravam os passos do meu texto. Dos instrumentos que poderiam me ajudar na escrita fui apresentada à Arte, lembro que ao chegar em Salvador professora Carla e Urânia pediram que Juliana gentilmente fizesse um tour comigo pela cidade e o primeiro lugar que fomos foi ao Cinema Glauber Rocha assistir a mostra de filmes Panorama e vimos o documentário *Àkàrà* no fogo da intolerância, eu chorei no cinema e escrevi depois no meu diário que senti revolta pelos danos que a intolerância religiosa causou e ainda causa em religiões de matriz africana. Só hoje na escrita deste texto, percebo que meu Orí estava começando a entender sobre o que era necessário falar, eu precisava de recursos teóricos para escrever. Essa teoria estava na Arte negra, no terreiro, na capoeira, no mar, nos diálogos com a professora feiticeira e no cinema de cozinha²⁵, feito pela cineasta Urânia Munzanzu. A partir disso tudo mudou, começou pelo meu corpo²⁶ que vai aos poucos deixando de ser curvado e começa a mandingar, depois vai se reverberando na alimentação, aprendi a comer com pimenta e azeite de dendê e meu corpo não rejeitava essa comida, nem meu estômago sentia dores, como as que me acompanharam durante anos de igreja em Santarém.

O Feitiço que iniciou em 2016 agora se materializa nesse texto que aqui apresento, o que se segue nos próximos capítulos é uma tentativa de se rebarbar que começou nas salas de aula da UFOPA, ganhou forma na mesa de café da professora feiticeira e segue em curso, caindo e levantando, sobretudo, levantando. O que aprendi com a pedagogia do feitiço foi que as rotas também podem ser de fuga para tudo que oprime o corpo e o corpo também pode caminhar para tudo que liberta o Orí.

²⁵“Historicamente, a “cozinha foi para mulheres negras o território possível para engendrar levantes, revoluções”, afirma a cineasta Urânia Munzanzu, ao conceituar o “cinema de cozinha” como o lugar onde a “revanche” negra acontece. Território e territorialidade de magia e poder, na cozinha também se alimenta o corpo e são reestabelecidas as ligações com os ancestrais (Correa; Souza & Ramos, 2019).

²⁶ Falarei sobre essas mudanças detalhadas no tópico 6 “Praia da Preguiça e Mandinga”.

2 A LOUCA, A SAPATÃO E A SANTA - UMA POLÍTICA DO PÚLPITO

Figura 4 - O púlpito ornamentado pelas irmãs



Fonte: Autora (2021)

Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.
E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.
As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.
Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas (Mateus 25:1-4).

Ao adentrar na igreja da Assembleia de Deus em Boa Esperança a visão que o visitante terá é a do púlpito, o altar. Esse espaço é mais elevado que o restante do templo e dispõe de alguns elementos como as cadeiras do ministério²⁷ e a tribuna. Ele é ocupado pelos

²⁷ Aqui ministério grafado com a letra minúscula assume novamente a tipologia de “ministério estamental” criada por Gedeon Alencar (2012). Essa configuração de púlpito apresentada acima é denominada pelo historiador Maxwell Fajardo (2015, p. 205) como “hierarquia assembleiana clássica”, recomendo para leitura o capítulo 4 da dissertação do autor.

pastores, presbíteros e diáconos²⁸, sendo o pastor presidente²⁹ a figura central, sua cadeira fica simetricamente no centro do púlpito e na sua ausência ninguém a ocupa. A cadeira ao lado direito do pastor é geralmente ocupada pelo seu vice e as demais são ocupadas pelos irmãos que compõem o ministério. Na AD de Boa Esperança, a cadeira preta que está no centro da fig. 2, refletida no púlpito de vidro, é ocupada pelo pastor Jônatas Assis³⁰. À sua direita, na cadeira verde, senta o vice-presidente da igreja, que no período desse registro, era o presbítero Jeiel Souza. As demais cadeiras são ocupadas pelos integrantes do ministério e não possuem uma ordem exata, geralmente os presbíteros estão mais perto do pastor na tribuna, mas isso não é regra.

A fig. 4 é o registro do púlpito no dia da conferência de mulheres, nesse dia as cadeiras pretas foram ocupadas pelo pastor presidente e pastores convidados e as verdes por alguns membros do ministério local. Por mais que as mulheres do círculo de oração tenham ornamentado o púlpito e a conferência tenha sido um evento organizado por elas, nesse dia apenas 3 mulheres estiveram no púlpito, a pastora Mara, que dirigiu o culto, a pregadora e a cantora. Na imagem abaixo (fig.5) registrei o momento em que a pastora apresenta a pregadora ao público presente, a pastora está na tribuna enquanto a pregadora está no canto esquerdo com as mãos levantadas, ao lado direito dela está a cantora e no lado esquerdo estão os presbíteros e pastores. Nesse dia os demais integrantes do ministério sentaram na lateral esquerda da nave da igreja (fig. 6) junto aos demais irmãos que compõem o Coral de Obreiros³¹.

Figura 5 - O púlpito e as mulheres

²⁸ O pastor é a liderança máxima da igreja, ele está no topo da hierarquia eclesiástica; Na AD o presbítero é a segunda pessoa do pastor, cabe a ele exercer as funções da liturgia na ausência da liderança maior e muitas vezes quem ocupa essa função é também responsável por uma das congregações do campo; Já o diácono, terceiro na hierarquia depois do pastor e presbítero, é responsável pelo zelo do templo, na ausência das lideranças, ele pode dirigir congregações ou ministrar nos cultos. Na narrativa bíblica os diáconos eram responsáveis pela assistência social às viúvas.

²⁹ O pastor presidente é o título que se dá à liderança máxima da igreja que também é responsável pelo campo pastoral. Na Assembleia de Deus, “campo pastoral” é como são denominadas as subdivisões administrativas da igreja. Trarei mais detalhes sobre essas subdivisões na p. 59.

³⁰ Aqui mantive o nome real do pastor, com sua devida autorização. Ele esteve na liderança da AD em Boa Esperança de dezembro de 2020 a junho de 2023.

³¹ O Coral de Obreiros foi instituído em 2015 na gestão do pr. Edilson Serra com o propósito de reunir em um coral todos os homens que eram membros da igreja, independente de suas funções eclesiásticas. Diferente do Círculo de Oração, no Coral de Obreiros não há objeção a solteiros e divorciados.



Fonte: Autora (2021)

Figura 6 - A nave da igreja vista do púlpito



Fonte: Autora (2021)

O registro acima não necessariamente significa a organização cotidiana da igreja, no lugar ocupado pelo coral de obreiros (lateral esquerda) usualmente vê-se o coral infantil. Ao lado das crianças, os jovens e adolescentes ocupam a lateral esquerda. O círculo de oração é o único grupo que mantém a posição na lateral direita em todos os eventos da igreja, já o Coral de Obreiros usualmente se posta atrás do púlpito. É válido ressaltar que para cada evento há uma vestimenta específica³². No dia da Conferência de Mulheres, o Círculo de Oração, as jovens e adolescentes estavam com camiseta laranja e saia preta; os Obreiros vestiram terno e gravata, nesse dia não houve participação das crianças na liturgia do culto.

É válido ressaltar que essa prática simbólica de diferenciação entre púlpito e bancada não é presente apenas no assembleianismo rural. Segundo Maxwell Fajardo (2015, p. 245) nas ADs conservadoras ou não, há uma preocupação com a cadeira do pastor presidente. Esse modelo de diferenciação é reproduzido nos setores e congregações com exceção de pequenas congregações periféricas sem recursos financeiros para investir nessa simbologia. No entanto, até nesses locais há uma banquetta para o pastor e seus obreiros e um púlpito improvisado. Essa construção aponta “o lugar de destaque que a figura dos obreiros ocupa na cultura assembleiana”.

Ainda sobre esta divisão Edin Abumanssur (2004, p. 127) observa que:

O púlpito é o centro em torno ou diante do qual são dispostos os bancos para os fiéis. Ele jamais estará no mesmo nível dos bancos [...] A discussão em torno do lugar que o púlpito deve ocupar na organização do espaço do templo remete à questão teológica sobre o significado do culto e, nele, o papel da pregação.

Para além dessa posição teológica pontuada pelo autor, há uma configuração colonial dessa estrutura de poder. Para Izabel Mello (2011, p. 20) o crescimento da Assembleia de Deus ocorreu conjuntamente com as mudanças socioeconômicas no Brasil provocadas pela era Vargas³³. Nesse contexto, as relações de poder entre donos de latifúndios e trabalhadores transferem-se ao campo eclesiástico. Sob essa perspectiva, o pastor, além de ter e exercer o poder, passa a representá-lo e torna-se o símbolo do poder. Dessa forma, a

³² A “farda da festa” como normalmente é chamada a vestimenta dos eventos pode ser causa de muitos tensionamentos. A escolha pode ser democrática ou não, depende da liderança do grupo. Enquanto fui membra da AD Boa Esperança presenciei os dois casos, ambos já foram motivos de desentendimentos, fofocas e até saída de irmãos dos grupos.

³³ Getúlio Vargas esteve no poder de 1930 a 1945, sua ascensão foi louvada pelos missionários suecos que mantinham com ele uma relação amistosa. No diário de Gunnar Vingren o ocorrido é descrito da seguinte forma: “O Senhor nos guardou durante a revolução, e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade de antes” (Araújo, 2014, p.123).

religião não só foi utilizada para hierarquizar os sexos como sacralizou papéis sócio-culturalmente construídos. Nesse sentido, o processo missionário evocado pela igreja Assembleia de Deus deve ser entendido através do que Aníbal Quijano (2005, p. 79) chama de colonialismo, visto que todo controle de sexo, subjetividade, autoridade e trabalho são expressos em conexão com a colonialidade. Ademais, no período colonial, o dono da igreja era o senhor de engenho, atualmente é o pastor e seu poder é posto para o público ali, no púlpito.

Para entender esse tipo de poder que é observado nas relações assembleianas dispomos da concepção foucaultiana de “poder pastoral”, que se configura

[...] como disciplina de auxílio na condução dos sujeitos em direção à salvação, da observância da lei e da conquista da verdade, configurando um regime ambivalente baseado em tecnologias de controle do outro e, consequentemente, de controle de si (Foucault, 2008, p. 235).

Sendo assim, o pastor só exerce governo na circulação, ou seja, o poder nesse caso é demonstrado através da mitologia da salvação, ao conduzir o rebanho. No entanto, para que esta condução chegue ao destino desejado, é necessário que a ovelha ofereça obediência ao pastor. No poder pastoral a obediência é tida como virtude e a submissão como princípio da ordem, todavia, o que acontece quando esses instrumentos de regulação são questionados? Outrossim, é importante entender quem são os alvos da dominação e como estes respondem a esse processo. Outro ponto a ser destacado é a exclusividade cisgênera masculina desse lugar. Segundo a narrativa assembleiana os ministros que compõem o púlpito são escolhidos por Deus e essa mediação entre o mundo espiritual e o terreno é feita pelo pastor. Não obstante, não há uma inspiração divina para ungir mulheres a esses cargos, pelo contrário, o púlpito é visto como um espaço exclusivo dos “homens de Deus” e reflete a postura religiosa de sacralizar papéis de gênero socialmente construídos através de um discurso misógino.

Ou seja, às mulheres apenas é permitido o lugar passageiro, pois essa é a “vontade divina”. Ao passo que evidencia a estrutura patriarcal de liderança e o que o sociólogo Gedeon Alencar (2012, p. 73) denomina como *ethos* rural. Para o autor as ADs estão arregimentadas em três esferas: a mentalidade rural, estrutura patriarcal e estamental de liderança e o abismo comportamental entre igrejas sedes e congregações. Essa estrutura foi construída em torno do clientelismo e mandonismo em que pastores-presidente, na ausência de um poder nacional, são os “donos” da igreja (Ibid., p.72). Se analisarmos essa concepção a partir da pressuposição dos fiéis de que a igreja é um conglomerado de membros onde o

pastor é “a cabeça da igreja” entenderemos a análise de Gedeon Alencar como uma relação de dominação entre púlpito e bancada. No púlpito encontra-se o pastor e aqueles que ele designou para estarem ao seu lado, e na bancada encontramos o círculo de oração, os jovens e as crianças, que em sua maioria são filhos e filhas das irmãs do CO.

Em suma, essa prerrogativa reforça o fato de que a igreja funciona como uma extensão da casa das irmãs, a casa é imbricada de muitas complexidades, visto que é o lugar de segurança e conforto ilusórios, ao mesmo tempo que submete seus corpos a uma tripla jornada de trabalho e em muitos casos de conflitos com seus cônjuges. Segundo a narrativa bíblica são as irmãs que “edificam seus lares”, então além do que já foi elencado acima há também a responsabilidade espiritual pelo lar. Uma fala costumeira no Círculo de Oração é “colocar o rosto no pó” quando algo requer medidas extremas de intervenção divina. Essa é uma forma de oração onde elas ajoelham no chão, inclinam seus troncos para frente e colocam a testa no solo. Essa prática pode ser entendida através da lente da reverência, como uma forma de reconhecer que antes de pedir algo ao divino você precisa reverenciá-lo, reconhecer sua grandeza. Observando pela ótica da desigualdade de gênero presente na igreja, o rosto no pó também se configura como a submissão dos corpos das mulheres a esse deus homem cis branco. Parto dessa prerrogativa não isolando o entendimento de sacrifício que as religiões mobilizam, mas tratando-se do assembleianismo rural, a prática do rosto no pó é observada apenas nos grupos de mulheres.

Se em suas casas são elas que cuidam dos afazeres domésticos, dos filhos e da “edificação do lar”. A igreja representa a segunda jornada de trabalho dessas mulheres, seja nos trabalhos domésticos como - ornamentar, limpar as dependências ou preparar alimentos- seja nas funções de “auxílio” nos cultos. Ademais, nesse ponto entra a submissão às autoridades masculinas - Deus, marido e pastor. Adiante tratarei dessa temática com mais afinco, no momento gostaria de enfatizar que essa divisão estrutural da igreja revela a relação de dominação herdada do *ethos rural*, e isto é um fio importante na trama constituída pelo cristianismo moldado por uma figura divina masculina.

É válido ressaltar também que as regras doutrinárias desse espaço são aplicadas no exercício de controle dos corpos das mulheres. Seja no estabelecimento de usos e costumes³⁴, sempre enfatizado na figura da mulher ou nos cargos que ela não acessa por uma

³⁴ Não há institucionalizado um “manual de conduta assembleina”, isso não significa que regras semelhantes não sejam aplicadas em diferentes Ministérios. Maxwell Fajardo(2015) aponta que houve uma tentativa de assim fazê-lo nos anos iniciais da AD, mas por disputas de poder isso não se consolidou. Na prática cada igreja define seus usos e costumes, em suma, ligados ao conservadorismo.

narrativa masculina que toma para si o púlpito. Na AD em Boa Esperança, por exemplo, a retórica dos usos e costumes era utilizada para controlar a vestimenta das mulheres e os adereços usados. Além dos fatos que menciono no testemunho, existe um padrão de comportamento definido para mulheres que vai desde a preservação da virgindade ao decote que não pode ser exibido para “não levar os irmãos a pecar”. A narrativa empregada de que as mulheres são as responsáveis pelo bem-estar da comunidade cristã é mobilizada pela culpa. Só existem duas versões a serem seguidas, a de Jezabel, a rainha vulgar da narrativa bíblica ou a versão prudente do versículo que está na epígrafe deste texto.

À medida em que as correntes doutrinárias, seja pentecostais ou não, sacralizam essas desigualdades de gênero como frutos de uma interpretação bíblica, elas corroboram para o silenciamento das mulheres atuantes nesses espaços. A respeito disso, as intelectuais Sandra Souza e Carolina Lemos (2009, p. 53) dizem que:

As representações sócio-culturais de homens e mulheres, que evocam a desigualdade social baseada na diferença social são sacramentadas pela religião, naturalizando dessa forma a violência de gênero. A própria representação da divindade cristã como masculina, é um indicador do lugar privilegiado de poder do homem em nossa sociedade. [...] isso é materializado, por exemplo, no exercício do poder eclesiástico, onde, a despeito do fato de o contingente feminino nas religiões, de maneira geral, ser significativamente superior ao masculino, efetivamente há muito mais homens do que mulheres nos postos mais altos. [...] a Igreja Católica Apostólica Romana e várias Igrejas evangélicas não aceitam, em hipótese alguma, a ordenação de mulheres como sacerdotisas ou pastoras. Curiosamente, o trabalho feminino nas igrejas cristãs é o mais explorado de todos.

Em suma o púlpito se configura como um território de poder, pois dele partem as consagrações dos cargos da igreja, as mensagens que guiam as ações da membresia e também o silenciamento daqueles que não são vistos como “figuras santas para o altar”. É a partir dele que as regras da igreja são aplicadas e, quando um membro as infringe, este também é usado como um espaço para as reprimendas, através da disciplina³⁵. Esse espaço é estritamente controlado pelo pastor e seu ministério, o que torna a presença das mulheres nula ou pouco frequente. Quando estas realizam suas conferências, a liturgia é comandada na parte de baixo do altar e mesmo quando elas utilizam o púlpito se restringem aos assentos das

³⁵ Ser disciplinado significa estar impossibilitado de exercer qualquer função na igreja e participar da Santa Ceia. Nesse contexto, o membro fica um período sem exercer tais funções até que este venha ao púlpito para se reconciliar, ou seja pedir perdão à igreja pelo motivo que ocasionou sua disciplina. Enquanto fui membra da AD Boa Esperança presenciei várias disciplinas, inclusive de amigas que namoravam pessoas de fora da igreja e eram disciplinadas ou engravidavam e eram punidas dessa forma. Em suma a disciplina era aplicada a nós mulheres, meus amigos que mantinham relações sexuais com meninas não crentes nunca foram punidos com disciplina.

laterais, distantes da “cadeira do pastor”, que, como já foi observado, não é ocupada na ausência dele. O púlpito também é entendido como um espaço de reprodução de violência, prova disso é a trajetória da pioneira das Assembleias de Deus que fora silenciada dos registros oficiais por reivindicar seu “direito” de usar o púlpito.

2.1 É tudo deles - Frida Maria Strandberg a missionária perseguida, internada em hospício e 'esquecida' pela História

Figura 7 - Frida Vingren



Fonte: Isael de Araújo (2021)

É uma história muito linda e envolvente e a história dela me leva assim, eu como líder, desempenhando um papel pastoral, assim a desempenhar independente de qualquer circunstância ou qualquer situação, desempenhar meu papel, a minha missão, a função que me é dada. É... quando eu olho assim pra história dela vejo que teve muitas barreiras pelo fato de ser mulher né, mas mesmo assim ela não deixou de desempenhar e nem a fez parar, desanimar com isso, então isso me motiva a todos os dias desempenhar meu papel, desempenhar minha função, a não olhar para as circunstâncias e dificuldade da vida, em todos os lugares tem né, na igreja, fora da igreja. Em todas as áreas têm, mas eu como mulher não posso me desmotivar por causa disso, a minha missão, a minha função, os meus desejos, meus sonhos eles têm que ter foco e no foco a gente vai sendo guiado e no caso da igreja Cristo também está nos impulsionando e vai nos dando força pra prosseguir. Eu amo a história dessa mulher, essa mulher me motiva todos os dias assim... Sempre quando eu passo por alguma situação lembro da história dela, toda dificuldade que ela

passou, até porque naquela época era muito difícil, a questão do machismo era muito grande né, apesar de que ainda hoje ainda tem, mas hoje a mulher já se sobressaiu muito, mas naquela época era muito difícil. Ver uma mulher lutando na igreja, sendo jornalista e envolvente em tudo né, então assim, ajudando o marido porque o marido era doente e com isso assim a rejeição de muitas que estavam a frente, a liderança, mas não fez ela desistir, não fez ela parar, isso me motiva muito, graças a Deus por essas mulheres corajosas, guerreiras e dá ânimo pra caminhar, pra continuar (Mara Shirley sobre Frida Strandberg, entrevista realizada em 22/03/2022).

Esse depoimento é resultado do seguinte questionamento: Você conhece a história de Frida? A resposta que se segue foi a única com sinalização positiva em um universo de 42 mulheres pertencentes ao Círculo de Oração. A interlocutora do relato descrito acima é a pastora Mara Shirley, presidente do círculo de oração da AD Boa Esperança nos anos de 2021 e 2022, uma mulher branca, alta, 35 anos de idade, casada com o pastor Jônatas Assis e mãe do Davi. Antes de adentrar aos apontamentos da pastora sobre Frida é válido mencionar sua atuação na AD em Boa Esperança, Mara Shirley exerce o que Maria das Dores Campos Machado denomina como consagração conjunta (2005, p.392), que acontece quando um homem é aprovado para exercer determinada função ministerial e ao subir ao altar sua esposa também é chamada para que seja sua auxiliadora, passando a ser um “ministério do casal”. Para a autora esse fenômeno da consagração conjunta foi a fórmula encontrada por algumas denominações para “preservar a dependência feminina em relação aos homens”.

Em entrevista realizada em 2022, Mara relatou que era filha de pastores e em um culto na igreja que seus pais pastoreavam no interior do Piauí conheceu Francisco, que viria a se tornar seu sogro. Ele disse “tenho um filho pra casar com você”, ela disse que sorriu e não deu importância para aquilo, mas de fato ele estava falando sério e fez o encontro acontecer meses depois em um evento de jovens na igreja que ele pastoreava no interior do Pará. O jovem a quem ele se referia era Jônatas, um de seus três filhos, que tinha sido consagrado pastor, mas não era casado e o matrimônio na AD é uma das premissas para que os jovens pastores assumam a liderança das igrejas.

Passei a ser líder do círculo de oração a partir dos meus 21 anos de idade, então a partir dos 21 eu passei a ser líder do círculo de oração e foi onde eu assumi igrejas, mas com meu pai eu fui matriculada dos 8 aos 21 anos de idade sendo participante do círculo de oração. Com 21 anos de idade eu casei, já me tornei líder porque meu marido já foi meu pastor, já era pastor e foi meu pastor e com isso eu tive que assumir as lideranças. Já passei por 5 igrejas, eu passei pela igreja em Vila do Conde na cidade de Barcarena, a segunda igreja foi Vila de Santa Rosa na cidade de Vigia, a terceira foi Vila Santa Luzia na cidade de Capitão Poço, a quarta foi Vila de Novo Horizonte na cidade de Boa Esperança do Piriá e eu tô na quinta igreja que é vila de Boa Esperança na cidade de Santarém. Então eu passei a ser líder nessas cinco igrejas (Mara Shirley sobre a liderança do Círculo de Oração, entrevista realizada em 22/03/2022).

A partir dessa declaração, gostaria de voltar ao primeiro excerto de minha conversa com a pastora Mara sobre a história de Frida. A partir do que diz a pastora na declaração acima, pretendo discorrer sobre três coisas: o conhecimento da pastora sobre a história de Frida, os apontamentos que ela faz sobre machismo e a adjetivação que ela faz da pioneira³⁶ como corajosa e guerreira.

O primeiro ponto é sobre o conhecimento da pastora sobre a história de Frida. Haja vista que em nenhuma celebração de aniversário da AD de Boa Esperança a pioneira foi mencionada. No ano de 2021 em especial, a pastora realizou um culto pelos 110 anos das Assembleias de Deus no Brasil. Nesse culto o mito fundador da igreja foi ressaltado enfatizando a figura de Daniel Berg e Gunnar Vingren. Na parte lateral da igreja estava a projeção de alguns slides contando a história e exibindo fotos dos pioneiros e da igreja fundada em Belém, mas em nenhum momento Frida ou outras mulheres que participaram da expansão do movimento foram mencionadas. No entanto, a resposta da pastora à pergunta acima reitera que ela não só já ouviu falar de Frida, mas conhece sua história. Tal conhecimento deve-se ao fato de que Mara Shirley é filha de pastores e cresceu nesse meio, além de ser uma mulher letrada, com graduação e uma boa estrutura financeira, muito diferente da realidade de muitas irmãs na igreja que sequer concluíram o ensino fundamental. Quais razões levam-na a "omitir" ou invisibilizar para a comunidade religiosa a trajetória dessa mulher?

Outro ponto que me chamou atenção foi o uso do termo machismo ao se referir aos empecilhos que as mulheres sofrem para exercer suas funções. Nesse ponto a pastora assume que há desigualdades nesse meio, mas ressalta que o foco tem que ser a igreja e as mulheres não podem se desmotivar por causa disso, porque Cristo é quem dá forças. A fala da pastora remete ao que Nina Rosas (2015) observou na igreja Lagoinha de Belo Horizonte onde a figura masculina do divino é associada ao ser provedor, aquele que não só provê o financeiro, mas o emocional também. Cristo simboliza a figura "melhorada" do marido ou a idealização de um parceiro. No caso das mulheres da Lagoinha, Cristo será a figura que as ajudará a ter o homem ideal que mereça sua submissão. Para as assembleianas de Boa

³⁶ A historiografia assembleiana não trata Frida como pioneira, mas eu mudo a pergunta que me foi feita na disciplina de Seminários de Dissertação onde um dos avaliadores do meu texto refutaram o uso de fundadora, pois a igreja já existia quando ela chegou ao Brasil. Eu enfatizei que ela é pioneira, pois se quando chegou ao Brasil a igreja já estava fundada foi através de seu trabalho que a igreja se manteve. Frida organizou o hinário da igreja, foi uma das redatoras dos primeiros jornais, além de ter sido a única comentarista mulher das revistas da EBD. Frida não é apenas a esposa do pioneiro.

Esperança, Cristo é a figura do companheiro que elas não têm, mas podem ter mediante a oração e a perseverança.

Nesse caso entra o que a pastora adjetiva como corajosa e guerreira, para ela o machismo que Frida sofreu não é reflexo de uma estrutura que forjou a igreja para os homens terem o poder e as mulheres assumirem as funções de auxiliaadoras. A pastora trata a desigualdade como mais uma das lutas que a mulher cristã deve enfrentar pela missão. Enfrentar esses obstáculos faz parte da postura da mulher de fé que ajuda o marido a liderar a igreja. Todavia ela não menciona que obstáculos seriam esses e como a igreja foi moldada a partir disso.

2.2 Frida e os conflitos com os “donos” do púlpito

A missionária pioneira da Assembleia de Deus que fora esquecida³⁷ da história da igreja tem um papel fundamental para entendermos as relações de gênero e poder na instituição ao longo dos seus 108 anos. A “esposa do pioneiro”, como foi descrita na biografia feita pelo historiador oficial da Assembleia de Deus, Isael Araújo (2014), protagonizou um dos embates notórios para exercer o “ministério divino” ao qual acreditava ter sido chamada.

Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940), uma jovem missionária branca sueca chegou em Belém no dia 3 de julho de 1917, 6 anos depois da implementação da Assembleia de Deus. A missionária, assim como seus conterrâneos Daniel Berg e Gunnar Vingren, veio de um país pobre “com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte de sua população” (Freston, 1993, p. 76). Segundo Gedeon Alencar (2012) a passagem do século XIX para o XX é marcada pela migração de suecos por causa da pobreza, estima-se que cerca de 10 mil tenham vindo ao Brasil. Frida não estava entre esses migrantes, mas chega ao Brasil para atuar na recente igreja Assembleia de Deus.

É necessário pontuar que a missionária vem ao Brasil com a anuência da igreja Filadélfia de Estocolmo que anos antes consagrou Frida como *bibelkvinna* “antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas” (Araújo, 2014, p. 32). Segundo relatos de historiadores da igreja e como consta na

³⁷Segundo a jornalista Kasa Norell, Frida “não foi somente esquecida, mas escondida” (2011, p. 87). Valéria Vilhena (2016, p. 50) reitera que a história de Frida só aparece nos registros “oficiais” em 2004 quando Silas Daniel, na organização do livro História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil a menciona como uma das lideranças que moldou o movimento pentecostal no Brasil.

biografia de Frida, na época as mulheres eram enviadas para campos missionários, mesmo sendo solteiras e esse foi o caso de Frida.

No Brasil, os conflitos enfrentados por Frida tiveram início logo após sua chegada. Enquanto ela desenvolvia os trabalhos sociais, aos quais as mulheres eram designadas, não houve abstenções, todavia, as tensões se acirraram principalmente com um missionário também sueco, Samuel Nyström. Não é possível precisar o início desse conflito, mas há registros de desavenças entre eles quando Frida se propôs a fazer a organização do hinário da igreja, acirrando-se quando ela passa a assumir o púlpito da igreja e a direção do jornal *Boa Semente* (1919).

Valéria Vilhena (2016, p. 212) menciona que o missionário se surpreende com o fato de Frida demonstrar que não era somente a “esposa” de um dos fundadores, mas uma líder, pastora, pregadora, escritora e musicista. Se fizermos uma análise minuciosa, a reação do missionário é contraditória, visto que, Frida viera ao Brasil para atuar como ensinadora da palavra, sendo assim, ela só estava cumprindo sua função. Todavia, Nyström já sabia das potencialidades da missionária, pois estudaram juntos na escola bíblica, portanto, os embates com Frida advêm de sua postura misógina por não aceitar que uma mulher estivesse liderando a sede da igreja. As ações do missionário frente à atuação de Frida na igreja reflete a posição do homem dominador e da mulher submissa que é produzida e reproduzida no cristianismo e marcam a expansão do movimento pentecostal.

Os registros históricos apontam que as disputas por poder nas igrejas pentecostais se consolidaram após a expansão do movimento. Nos Estados Unidos, essas disputas ocorreram após o apogeu do Movimento da Rua Azusa³⁸, quando houve separação por controvérsias doutrinárias provocando a desigualdade racial e de gênero. Cabe aqui ressaltar que não é o propósito deste texto debater o racismo que se entranha no pentecostalismo desde seus primórdios, mas é válido e necessário pontuar que o movimento da rua Azusa é um dos exemplos significativos de como a estrutura da igreja se beneficiou da desigualdade racial e de gênero. No Brasil, o caráter pietista³⁹, que marcou o início da igreja, sofreu impacto do

³⁸ O avivamento da Rua Azusa é considerado pelos Assembleianos como “centro irradiador da doutrina pentecostal”. A referência é ao movimento liderado por William Seymour em 1906, falei brevemente sobre isso na página 73.

³⁹ “[...] o pietismo batista, segundo Maciel (1988), caracteriza-se por uma vivência mais ligada ao passado, por meio da bíblia e em interpretação literalista e a histórica, e ao futuro, na perspectiva da vida extraterrena, quando o cotidiano se dilui e enfraquece. A sociedade com seus atrativos era vista em perspectiva negativa (mundana) e o viver cotidiano era um peso a ser suportado como “lugar de provação” (Ribeiro, 2011).

patriarcalismo que se sucedeu na era Vargas⁴⁰ (1930-1945). Nessa conjuntura, a expansão da igreja nas entranhas de um país coronelista unida ao machismo sueco nortearam a base doutrinária da igreja, iniciando um movimento autoritário. A instituição, após a convenção de 1930, passa a ter liderança brasileira e não mais sueca. Dentro desses ditames doutrinários estavam a não aprovação da liderança feminina, direcionada ao principal alvo dos pastores misóginos, Frida Vingren.

Figura 8 - Convenção de 1930



Fonte: Isael de Araújo (2021)

A resolução da convenção foi promulgada e a instituição firmou-se contrária ao ministério feminino.

As irmãs têm todo direito de participar nas obras evangelísticas, testificando de Jesus e sua salvação, e também ensinando quando necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12. 3-8. Isso deve acontecer

⁴⁰Getúlio Vargas esteve no poder de 1930 a 1945, sua ascensão foi louvada pelos missionários suecos que mantinham com ele uma relação amistosa. No diário de Gunnar Vingren o ocorrido é descrito da seguinte forma: "O Senhor nos guardou durante a revolução, e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade de antes" (Araújo, 2014, p.123).

somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Vingren, 1982, p. 168).

Para tanto ela escreve um artigo no jornal *Mensageiro da Paz* intitulado *O Pastor*, publicado em 15 de fevereiro de 1931.

A palavra pastor é simplesmente uma expressão do caráter da sua missão [...] Muitos pensam que a consagração é que faz o pastor. É um erro - esta é, unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, é um auxílio, para diante da lei social, poder exercitar as funções de um ministro evangélico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores; Deus, porém, olha o interior. O faz pastor é, primeiramente, a vocação divina, e depois o “dom”. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo. [...] E para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título [...] todos os pastores prestarão conta, diante de Deus, o sumo pastor, por todas as almas [...] (Mensageiro da Paz, ano I, n.4, 1930, p. 3).

O artigo pode ser interpretado como uma resposta aos ataques que ela sofrera. A tentativa de silenciar a missionária falhou e seu púlpito tornou-se o jornal. Frida rememora a passagem de I Coríntios 12, que trata dos dons concedidos pelo Espírito Santo, enfatizando que a vocação divina vem antes da consagração. Em suma, como o pastorado é uma vocação divina e o Espírito chama quem Ele quer sem fazer distinção de gênero, não há argumentos que comprovem a proibição de que mulheres não poderiam pregar. A missionária ainda ressalta que o importante não era a titulação, mas o trabalho desenvolvido.

A resposta ao artigo de Frida veio na edição seguinte do jornal, no artigo intitulado *Silêncio santo*, por Nils Kastberg. No texto, o redator alerta os irmãos assembleianos sobre a necessidade de silenciar-se e trata como um erro humano falar demasiadamente. Seu artigo é dividido em quatro partes: *o silêncio na oração*, *o silêncio na tribulação*, *silêncio diante dos homens* e por último, *o lugar silencioso*.⁴¹ No primeiro ponto ele ressalta a necessidade de calar para ouvir a voz de Deus. Em *silêncio na tribulação*, Nils usa o exemplo bíblico de Jó, que nos momentos de tribulação só conseguiu ouvir a voz de Deus quando ficou em silêncio. No tópico *silêncio diante dos homens*, o exemplo citado é o de Jesus que no caminho para a crucificação ficou “como um cordeiro mudo”⁴² e conclui o item dizendo:

Encontramos de vez em quando pessoas que padecem de certa doença: falar demasiadamente. São falladores, contenciosos, que fazem guerra por onde andam. Na presença destes é bom e prudente calar-se e não responder as suas loucuras. Um

⁴¹ Mantida grafia original de todos os trechos do artigo.

⁴² Referência ao livro do profeta Isaías, capítulo 53, versículo 7

silêncio santo diante de tais pessoas, pode servi-lhes de pregação. Sim, até mesmo sem palavras, podem as mulheres crentes ganhar os seus maridos incrédulos, disse o apóstolo Paulo (Kastberg, 1931, p.5).

E no último ponto, o *logar silencioso*:

Onde é este lugar? E como poderemos aprender o silêncio santo? Só fazendo o mesmo, como Maria de Bethania; ella se assentou aos pés de Jesus. Já tomaste este lugar? - A sós com teu Mestre - ouvindo as Suas palavras, e aprendendo daquelles que é manso e humilde de “coração” poderás saber que é, “silêncio santo” (p.5).

É imprescindível ressaltar que, por mais que o autor trate como um erro humano o falar em demasia, seus exemplos são reiterados com histórias de mulheres. O silêncio santo a que ele se refere rememora um lugar de suportar dores e sofrimentos sem reagir. Esse discurso é muito utilizado no meio pentecostal, onde a fé no divino para solucionar suas causas é absoluta, e prestar queixas sobre o assunto não é visto com bons olhos pela comunidade. No entanto, um fato na narrativa de Kastberg nos chama atenção. Ele relata que Jesus não reclamou de sua situação no caminho à crucificação, todavia, o evangelho de Marcos relata que prestes a falecer, Jesus exclamou em alta voz dizendo “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?, que traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Marcos 15: 34). Ao citar o caso de Maria, o autor não contextualiza que, na época, as mulheres não poderiam participar de reuniões com os mestres da lei. Dessa forma, Maria fica em silêncio, tão somente, para que não descubram que ela estava escondida ouvindo o que Jesus e os mestres discutiam.

A hermenêutica vaga aplicada pelo redator, propõe o silêncio como solução “santa”, a fim de calar a voz de quem não seguia o “padrão assembleiano”. A retórica utilizada para advertir os irmãos pode ser interpretada como uma ação para deslegitimar a atuação de Frida e de outras mulheres que atuavam junto a ela nos trabalhos da igreja, pois não era de bom grado que uma mulher ultrapassasse o lugar de silêncio para questionar as posições dos “homens de deus”.

Em edição seguinte do mensageiro da paz Frida escreve o artigo *Deus mobilizando suas tropas* chamando as mulheres assembleianas a fazerem mais do que o trabalho doméstico e a batalharem pelo direito de pregar o Evangelho (Mensageiro da Paz, 1931, p. 3). É imprescindível destacar que havia atuação de mulheres brasileiras na igreja, principalmente no Pará. A narrativa assembleiana aponta que a primeira pessoa a ser batizada com o Espírito Santo foi uma mulher, Celina Albuquerque, nascida em Manaus-AM, que morava em Belém e era professora da escola bíblica na igreja Batista. Os registros também

apontam a atuação da missionária sueca Adina Nelson (1889-1978) que era pregadora e Emília Costa (fig.4), uma mulher negra que atuava na igreja de São Cristóvão, RJ e fora consagrada por Gunnar Vingren como diaconisa em 1928. Vale ressaltar que, em 112 anos de fundação da igreja Assembleia de Deus, este é o único registro de consagração de uma mulher ao diaconato. Segundo Araújo (2007), a consagração de Emília Costa foi influenciada por Frida.

Fig 9. Diaconisa Emília Costa



Fonte: Isael de Araújo (2021)

Não há elementos para descrever como era a relação das mulheres brasileiras com Frida. Todavia, o biógrafo Isael de Araújo relata que em uma pregação da missionária na AD do Rio de Janeiro, ela fala do local como “uma cidade sodomita e corrupta” (Araújo, 2021, p.100), em outra passagem ela exorta as irmãs “a tomarem cuidado com a moda imoral e com os costumes do mundo” (Araújo, 2021, p.130). A postura de Frida não é apenas conservadora, mas reflete o colonialismo presente na relação entre a mulher europeia que veio salvar os homens e mulheres de um país de terceiro mundo. Outro ponto importante dessa relação

colonial é presente em algumas partes da biografia de Frida quando aparecem fotos dos filhos do casal com suas babás. Em um dos registros há uma mulher negra com as crianças e em dado momento o autor menciona que chegou uma irmã para ajudar nos afazeres, ao que tudo indica ela saiu de Belém até a casa dos Vingren no Rio de Janeiro para trabalhar como doméstica. Pelos relatos, enquanto Frida estava lutando para estar no púlpito, as irmãs brasileiras estavam fazendo os afazeres domésticos e sendo babás de seus filhos.

Essa situação ilustra uma das inúmeras denúncias que o movimento de mulheres negras faz ao feminismo branco, enquanto essas constroem políticas para si, as mulheres negras estão fazendo o trabalho doméstico e sendo babás de seus filhos. É importante frisar a reflexão que Lélia Gonzalez nos traz de que a tomada de consciência da opressão, ocorre antes de tudo, pela raça, não é possível isolar o marcador social de gênero sem antes refletir sobre racismo, por isso Frida não acha apoio suficiente nas mulheres nortistas e nordestinas. Onde elas entrariam em seu ministério pastoral?

As tensões, motivadas pela ganância de poder, atrelada à misoginia dos pastores, resultaram no retorno de Frida e sua família à Suécia. Quem assume a liderança da igreja no Rio de Janeiro e anos depois se torna presidente da convenção de pastores é ninguém menos que Samuel Nyström. A missionária que cooperou com a implementação da igreja Assembleia de Deus, foi redatora dos jornais da igreja, escreveu 23 hinos da Harpa Cristã e atuou à frente da igreja por 16 anos, então retorna ao seu país de origem. É imprescindível relatar que o retorno da família Strandberg-Vingren não foi pleiteado por vontades próprias. A decisão fora ocasionada pelas inúmeras violências que Frida sofrera. Trago esta afirmação baseada nos registros históricos que retratam os desgastes que acometeram a missionária por não se colocar como a “esposa do pioneiro”. A religião atrelada ao androcentrismo não suportou ver uma mulher assumir o púlpito e discordar de um grupo de homens. Nesse contexto, o posicionamento misógino persistiu nas décadas seguintes à saída de Frida, pois até o presente no cenário Assembleiano nenhuma mulher assumiu o púlpito de uma igreja como pastora, exceto a título de esposa de um ministro.

Nas convenções subsequentes não há registro da pauta sobre o ministério feminino. A temática da consagração de mulheres retorna cinco décadas depois da partida de Frida, especificamente no final da década de 70. Maria José Rosado-Nunes (2001) relata que o assunto retorna no período em que a luta feminista pressionava diversas esferas da sociedade, inclusive o âmbito religioso. A Assembleia de Deus, em uma tentativa de conter a

onda feminista, manifesta-se através da revista *A Seara* na edição de 1978 com a matéria que intitulava-se *De Sara ao feminismo*, tendo o seguinte texto em destaque:

No princípio o poema uniu a mulher e a rosa. Hoje numa luta contra o patriarcado ela prefere ser chamada de operária, industrial. Defendendo sua liberdade ela reclama o direito de competir com o homem. Pode uma mulher cristã ser uma feminista?” (A seara, 1978).

A revista não só revidou o movimento feminista como fez usou de depoimentos de mulheres para rebater as pautas que naquele momento estavam centradas na oposição à ditadura militar no Brasil, mas que em sua gênese reivindicava direitos civis para mulheres, como direitos reprodutivos, igualdade salarial, políticas de ensino público e gratuito, políticas de combate à violência, direito ao divórcio e tantas outras demandas que foram conquistadas recentemente e ainda são atacadas pelo conservadorismo evangélico. A Seara trouxe discursos como os de Zélia Macalão e Albertina Malafaia para reforçar que o lugar da mulher era cooperando junto a seus maridos, dando a eles o protagonismo, ou, como disseram, “lugares de honra”. A edição violenta da revista causou um estardalhaço no meio evangélico e na sociedade, de forma geral. O feminismo ao qual a revista combatia era um movimento organizado por mulheres brancas, mas as reivindicações eram tanto desse segmento como de mulheres negras. Vale ressaltar que 1978 é o marco de fundação do Movimento Negro Unificado que reivindicava não só as pautas de raça, mas de gênero e classe também.

É válido ressaltar que o início da Assembleia de Deus no Brasil é marcado pela adesão de pessoas negras e pobres e mesmo a expansão da igreja e difusão entre as classes mais abastadas, esta não deixa de atrair as camadas mais pobres da sociedade. Nesse contexto, o público feminino da década de 70, em sua grande maioria, não era letrado ou apenas cursara o nível fundamental. A maioria das mulheres assembleianas eram donas de casa e/ou trabalhavam na roça, também exercendo inúmeras atividades na igreja. Suas jornadas eram triplas e as pautas libertárias do feminismo hegemônico não as abrangia, tampouco se fossem mulheres negras. A igreja lhes proporcionava trabalhos que não requeriam um currículo formal, o púlpito era o lugar de cantarem seus hinos de gratidão e de darem seus testemunhos, afinal, o Espírito Santo lhes concedia a sabedoria necessária para repassarem a mensagem de fé. Sendo assim, a pergunta da revista *A Seara* pode ser respondida com um não sonoro, pois o feminismo da década de 70 fora moldado por uma pequena parcela das mulheres e não era

uma categoria representativa para as mulheres negras, pobres e pentecostais, tampouco se esses marcadores de diferença estivessem interligados⁴³.

Na convenção de pastores de 1979, realizada em Porto Alegre, a pauta do ministério feminino reaparece. Ressalta-se que não há registros de quem apresentou a pauta à plenária, entretanto sabemos que não foi uma mulher, visto que os registros não apontam mulheres participando das reuniões⁴⁴, haja vista, só quem participa dessas reuniões são os membros filiados e estes são os pastores. Dentre os pontos discutidos na edição de 1979 estavam a separação de diaconisas e a unção ministrada por mulheres. Devido à ausência de consenso dos pastores, a pauta foi remanejada ao Conselho de Doutrina da AD, que divulgou sua resposta no ano seguinte. O relatório reconhecia o trabalho feminino no campo missionário, todavia não acatou a unção pastoral às mulheres, como registrado no excerto a seguir:

A mulher cristã, quando separada para o trabalho missionário, pode portar documento comprobatório como missionária, mas não como ministro do Evangelho, seja como evangelista ou como pastor, isso porque não concordamos com qualquer tipo de consagração de mulheres, por não encontrarmos base bíblica para isso (Daniel et al., 2004, p. 491).

Novamente a retórica da ausência de embasamento bíblico se repete, reforçando um discurso religioso, permeado de repreensão às mulheres e perpassado pelas relações de poder e dominação. O cenário é diferente do que fora vivenciado por Frida, mas o androcentrismo violento que a fez sucumbir continua o mesmo, no entanto, as mulheres assembleianas permaneceram criando possibilidades de resistência. Em 1985, na Convenção de Anápolis/GO, as “esposas” dos pastores convencionados reuniram-se paralelamente para debaterem assuntos relacionados aos trabalhos femininos na igreja. O mesmo ocorreu na de Salvador/BA em 1987, e em 1990, na cidade de São Paulo. Os encontros paralelos resultaram na criação da União Nacional das Esposas de Ministros das Assembleias de Deus (UNEMAD), em 1993, a fim de “congregar esposas de ministros, visando mais confraternização e troca de experiência nas diversas áreas de atuação da mulher como parte essencial do ministério pastoral” (Daniel et al., 2004, p. 555).

⁴³ Vale ressaltar que na década seguinte, a intelectual diaspórica Lélia Gonzalez (1988) questionou a universalidade da categoria mulher proposta pelo feminismo hegemônico e trouxe novas epistemologias ao debate como a categoria amefricana, que abarcava as mulheres negras e ameríndias. A partir dos conceitos de Lélia, novos conceitos surgiram na sociedade.

⁴⁴ A única participação feminina registrada foi a de Frida na convenção de 1930.

A Unemad passou a ser incorporada na programação da CGADB e teve como primeira presidente a irmã Wanda Freire. Todavia, se a intenção dos pastores ao aprovarem a institucionalização do novo departamento era silenciar os questionamentos que emergiram na década de 30, a reação foi contrária. Pois, nos anos seguintes as discussões reacendem no âmbito religioso. Na convenção geral de 1999, quando a igreja passa a repensar seus ditames doutrinários para a entrada do novo milênio, a ordenação de pastoras volta a ser discutida na plenária. Novamente a ausência de um consenso leva a temática a uma comissão específica e a misoginia disfarçada de sacralidade é unânime, não só negando a ordenação de mulheres, como fazendo de forma truculenta. Pois, dos ministros presentes na reunião, apenas três votaram a favor da pauta e dois mil quatrocentos e noventa e sete pastores votaram contra (Daniel, et al., 2004, p. 633).

Segundo o censo do IBGE (2010), as mulheres assembleianas do Brasil somavam 6.727.891, enquanto os homens totalizavam 5.586.520. Mesmo representando a grande maioria da instituição e realizando trabalhos árduos para a conquista de novos fiéis, a convenção não voltou a discutir o pastorado feminino até o presente momento. Todavia, no âmbito estadual, algumas AD's reconheceram o pastorado feminino, como a Convenção das Assembleia de Deus no Distrito Federal, que em outubro de 2011 aprovou a ordenação de pastoras, desacetando a resolução da convenção geral. Outros segmentos que não fazem parte da CGADB, mas que adotam o codinome de Assembleia de Deus, como a AD Ministério Madureira, também passaram a consagrar mulheres ao ministério pastoral. Os registros apontam que a primeira mulher a ser consagrada pastora foi Cassiane Manhães em 23 de abril de 2005, todavia, sua consagração foi conjunta a de seu companheiro.

No entanto, o pastorado dessas mulheres é limitado ao casamento como no caso da pastora Mara Shirley, não há “unção pastoral” para mulheres. E quando há reivindicação de uma posição que não seja subalterna a estrutura se move e inibe tais reivindicações. A “loucura” de Frida é o reflexo de como a sociedade transforma a luta das mulheres em histeria. Outras formas que são utilizadas para frear nossos passos é imputando culpa sobre nossos corpos. Quando criança eu era aspirante ao púlpito, gostava das histórias da bíblia e me via sendo pregadora, o tempo foi passando e com ele as insurgências que iam reverberando em mim. Meu corpo era moldado pela igreja, eu me vestia com os trajes que eram aceitáveis, mas fui me tornando uma adolescente “raivosa” porque meu corpo desejava espaços que a igreja considerava pecaminoso. Eu não via essa ação direta, mas meu corpo sentia porque cada vez mais eu me curvava. Aprendi que era hereditário, pois meu pai era

curvado e mamãe dizia que minha irmã também era. Eu não entendia que aquelas transformações no meu corpo eram represálias que eu adolescente não sabia identificar.

Com o passar dos anos fui dosando meus questionamentos, a pedido da minha mãe, que sempre se queixava das nossas rebeldias na igreja. Ela recebia muitas queixas a nosso respeito, de minha parte porque eu falava demais e isso não era reflexo de uma jovem prudente, além do fato de que eu dizia a todos que o casamento não era pra mim. Eu dizia enquanto um corpo que nem sequer tinha experimentado o primeiro beijo, mas para a minha comunidade de fé “a filha da irmã Preta era sapatão”, ali começaram as inúmeras conversas que envolviam testemunhos de cura gay, revista da EBD sobre ideologia de gênero e cultos com a temática voltada ao namoro santo. A igreja dispõe de tantas tecnologias de opressão à comunidade lgbtqia+ que, mesmo antes de eu perceber que não era hétero, a instituição já sabia e tratou de violentar meus desejos e até meus pensamentos.

Até o momento elenquei sobre os dispositivos de controle no início da institucionalização da igreja e como se reverberou em mim, mas a princípio a minha intenção era unicamente falar sobre o Círculo de Oração Rosa de Saron e no próximo capítulo irei explorar sobre quais são os lugares que as irmãs ocupam na igreja e como elas se percebem nesse espaço.

3 DOMINAÇÃO E CONTROLE EM NOME DO SENHOR? O CÍRCULO DE ORAÇÃO ROSA DE SARON

Figura 10 - Irmã Ana, Mamãe, Nelma, Marilis, Carla, Regiane, Lourdes, Maria e os pastores Mara e Jonatas no momento de encerramento das vendas



Fonte: Autora (2021)

Segundo os relatos dos membros mais antigos da Assembleia de Deus em Boa Esperança, a evangelização pentecostal chegou à comunidade em 1976. Irmã Lúcia, uma das primeiras convertidas, relata que os cultos eram dirigidos por um missionário que vinha de Santarém e fazia pequenas reuniões nas casas dos comunitários, seu nome era Manoel Felipe. É válido salientar que a AD em Boa Esperança não tem registros documentais dessa época e as informações concernentes a esse período são baseadas nos diálogos com a membresia de honra da igreja. Dito isso, em 1981 a igreja se consolida enquanto instituição e passa a ser um campo pastoral da Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará (COMIEADEPA)⁴⁵, presidida pelo pastor Francisco Neto. Nesse período o Círculo de Oração Rosa de Saron é formado. Não há registros do quantitativo exato do número de integrantes, mas segundo a irmã Lúcia, que foi a primeira presidente do Círculo de Oração, era um grupo pequeno com aproximadamente 8 mulheres.

⁴⁵ Para entender o sistema organizacional eclesiástico da AD em torno de uma convenção, veja Fajardo (2015, p. 122).

Irmã Lúcia é uma mulher que se identifica como parda, tem cabelos pretos, longos e lisos. É viúva, tem 8 filhos e é membra da Assembleia de Deus há 41 anos. Em uma entrevista realizada em 2019, ela relatou que inicialmente o grupo era de intercessão e, logo depois, as irmãs se organizaram em forma de coral passando a realizar tanto as atividades de louvor da igreja quanto de oração. A nomenclatura “Rosa de Saron” é uma referência à passagem bíblica de Cântico dos Cânticos, capítulo 2, onde a Sulamita (a amada do rei Salomão) se intitula como a Rosa de Saron. Na narrativa bíblica, o vale de Saron é descrito como uma terra fértil que produzia belas flores, por isso a Sulamita se intitula como uma rosa deste vale. A expressão é atribuída a um denotativo de beleza e bons aromas e é frequentemente usada para nomear departamentos em igrejas.

No ano de 2021, a igreja em Boa Esperança contava com cerca de 300 membros no total e tinha como pastor presidente Jonatas Assis da Luz. O templo central está situado na parte central da comunidade e além disso existem três congregações que são ligadas ao campo pastoral, sendo estas a congregação Rosa de Saron, localizada na comunidade de Volta Grande; a Nova Canaã, situada na comunidade de Paxiúba e a congregação Rio Jordão, localizada na comunidade de Lagoa. Todas as congregações têm o departamento do Círculo de Oração, o qual realiza atividades semelhantes ao da sede, todavia sua liderança é definida pelo dirigente local. Os grupos de irmãs das congregações são autônomos, mas no período de festas da igreja, ou grandes eventos, todas as congregações com seus departamentos se deslocam para o Templo Central. Pontua que esta pesquisa está sendo construída com o Círculo de Oração Rosa de Saron do Templo Central.

O círculo de oração do Templo Central desenvolve um importante papel de atuação dentro da AD Boa Esperança, tendo forte participação na liturgia dos cultos, além de liderar e compor os pequenos grupos de oração. Ele também atua como uma rede de apoio para mulheres, pois é neste espaço que elas compartilham suas vivências e buscam acolhimento às suas dores. Como já dito anteriormente, o departamento agrega somente mulheres e é costume das ADs que as integrantes do Círculo de Oração sejam casadas. Na Assembleia de Deus em Boa Esperança o Círculo de Oração integra o que pode ser considerado o último estágio do ritual de passagem da mulher assembleiana, visto que, se essas mulheres nasceram em “lares assembleianos”, o rito inicia-se na apresentação infantil⁴⁶,

⁴⁶ A igreja Assembleia de Deus não batiza crianças, mas há um rito de apresentação infantil embasado pela passagem do evangelho de Lucas, capítulo 2 que relata a apresentação de Jesus no templo (Bíblia, 2011).

passa pelo departamento de crianças, posteriormente grupo de adolescentes e encerra no Círculo de Oração.

Na AD de Boa Esperança, o grupo agrega mulheres viúvas e divorciadas, mas ambos estados civis são motivos de alguns silenciamentos na igreja a depender de quem está no pastorado. No ano de 2018, em uma conversa com uma das regentes do Círculo de Oração, ela me relatou sobre um caso de constrangimento que vivenciou no ano anterior. Em um culto de domingo à noite, o pastor da igreja pediu que ela retirasse uma irmã recém-convertida da bancada do coral, “ele disse que nós só cantaríamos se ela saísse”, a razão desse ímpeto deu-se porque ela estava “junta”⁴⁷ com um irmão. A regente não acatou a ordem e o pastor voltou atrás em sua decisão. Essa foi uma das inúmeras manifestações de tentativa de controle por parte da liderança pastoral que teve devolutiva contrária das irmãs.

No Círculo de Oração há irmãs que são “separadas”, não convivem mais com seus companheiros, todavia não são divorciadas. Esse fato se dá pela demora no processo e também pelo aconselhamento pastoral que as direciona para a permanência no matrimônio, partindo da prerrogativa de que “o casamento é uma instituição indissolúvel”. Essa assertiva reforça o que Pierre Bourdieu (2012) classifica como “dominação masculina”. No caso das mulheres do Rosa de Saron, mesmo quando não estão sob a tutela de seus companheiros, elas encontram-se sob a tutela do pastor.

Outro caso que tomou minhas notas de campo ocorreu em culto de despedida de uma jovem recém-casada. Tal jovem casou-se com um rapaz de outra cidade e na manhã seguinte ao culto o novo casal viajaria para o novo domicílio. O culto teve sua liturgia normal e em um determinado momento a jovem e o seu companheiro foram convidados a subirem ao púlpito para receberem dedicatórias e orações dos irmãos. Nesse momento, o co-pastor da igreja usou o microfone do púlpito para conduzir a despedida e proferiu a seguinte frase “se ele te bater, não venha chorar pra mamãezinha, agora ele que assume”⁴⁸. A fala do co-pastor repercutiu na igreja após o culto e no decorrer dos dias, levou algumas irmãs a ficarem inconformadas com tal fala, mas ninguém o corrigiu, nem mesmo o pastor presidente da igreja, que detém, segundo o regimento da AD, a autoridade para repreendê-lo e discipliná-lo.

Em janeiro deste ano outro episódio marcou minha participação nos eventos do Círculo de Oração quando eu estava acompanhando minha mãe no preparo de alimentos que seriam comercializados para captar dinheiro para a reforma da igreja. Nesse dia, uma irmã

⁴⁷ “Junta” ou “morando junto” são termos utilizados para quem vive em união estável.

⁴⁸ Retirado do meu caderno de campo.

chegou ao refeitório da igreja com o semblante cabisbaixo e confessou para um pequeno grupo de irmãs que seu esposo havia a agredido na noite anterior, mas ela não se separaria dele, pois não tinha como garantir seu sustento e de seus filhos. Ela foi acolhida pelas irmãs, mas não teve direcionamento para fazer denúncia ou suporte financeiro da instituição como tentativa de amenizar a dependência financeira.

As irmãs do Rosa de Saron, em suma, são mulheres em situação de vulnerabilidade social, algumas são donas de casa e/ou trabalham na roça. Um outro quantitativo trabalha nas casas de farinha⁴⁹, uma pequena parcela é professora na escola municipal da comunidade e as irmãs mais idosas recebem aposentadoria rural. O grupo tem uma diversidade de faixa etária, sendo que a irmã mais nova tem 20 anos e a mais velha tem 84. Quanto ao número de integrantes do departamento, em 2019 realizei um levantamento que contabilizou 42 mulheres. No entanto, esse número aumentou nos últimos anos, pois, segundo a atual presidente, o grupo em 2022 conta com 52 mulheres, todavia apenas 49 são assíduas nas programações que elas realizam. Em todo o campo, o quantitativo de mulheres que integram o Círculo de Oração é de 103 irmãs.

Em 2018, quando aprofundi meu contato com o Rosa de Saron, a irmã Maria da Luz, que era a presidente naquele período, estava com um projeto de cultos mensais com todas as integrantes do Círculo de Oração do campo a fim de promover a integração das irmãs. O projeto não obteve êxito, pois algumas irmãs queixaram-se das dinâmicas de deslocamentos do templo central para as congregações e vice-versa. No ano seguinte, já com nova coordenação à frente do Rosa de Saron, o projeto foi retomado e as vice-presidentes do grupo foram incumbidas de realizar visitas constantes às irmãs das congregações, mas, com a pandemia, o projeto novamente parou.

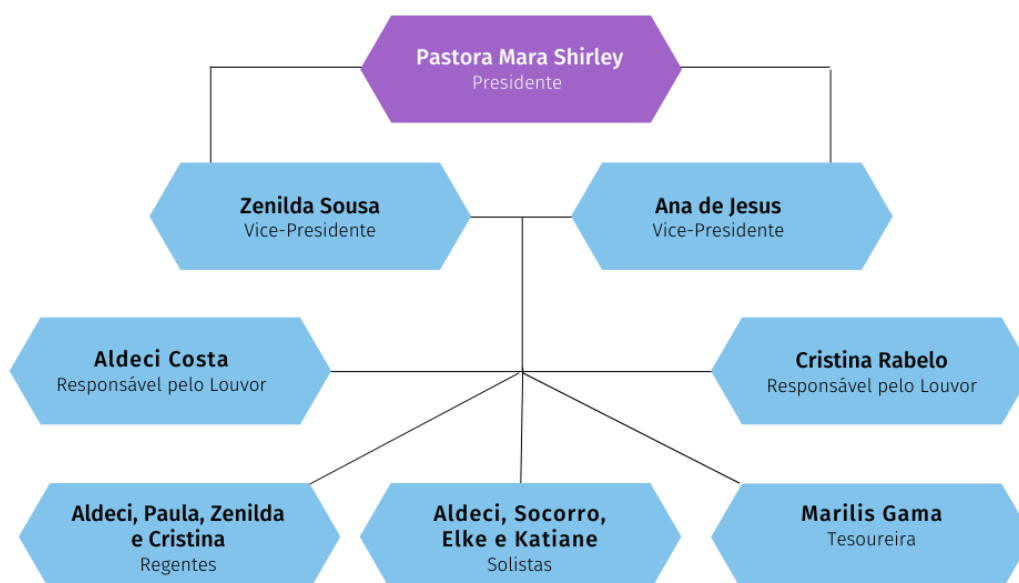
Em dezembro de 2021 a COMIEADEPA trocou a liderança da igreja e tal alteração foi realizada em meio a muitos conflitos, culminando em impactos na organização do Círculo de Oração e no projeto de integração. Com a chegada do novo pastor presidente do campo a liderança dos departamentos e as programações da igreja sofreram alterações. Antes de elencar como o grupo está organizado atualmente é necessário reiterar que a troca pastoral é realizada na Convenção Estadual que acontece anualmente na capital do estado ou em alguma cidade escolhida previamente pela diretoria da COMIEADEPA. Na convenção os pastores prestam contas do rendimento das igrejas em termo de dízimos e membresia, nela

⁴⁹ A casa de farinha é o local onde se transforma a mandioca ou macaxeira em farinha amarela ou farinha de tapioca. A comunidade de Boa Esperança é conhecida no planalto santareno como referência na produção de farinha de tapioca que é um dos principais meios empregatícios para os moradores locais.

eles também discutem assuntos políticos e definem quem irá assumir o pastoreio das igrejas. Geralmente um pastor só muda de campo pastoral se a igreja solicitar à convenção, isso ocorre em casos de escândalo, ou se a diretoria da convenção decidir realizar a troca por interesse próprio. A mudança pastoral tem grande impacto no funcionamento da igreja, visto que traz modificações a toda organização administrativa, inclusive do Círculo de Oração.

O Círculo de Oração tem uma organização administrativa hierárquica e a escolha de liderança é realizada anualmente pelo pastor da igreja. Para Gedeon Alencar (2012, p.191) essa escolha é feita por afinidades ao líder, pois torna-se mais fácil monitorar e controlar as ações do grupo se quem está à frente tem sintonia com o líder. Em suma, além de partirem desse pressuposto, as mulheres devem ter o batismo com o Espírito Santo. Em algumas AD's quem assume a liderança do grupo é a esposa do pastor. Na igreja de Boa Esperança a organização tem como líder desde janeiro de 2021 a pastora Mara Shirley⁵⁰ e conta com o seguinte grupo de irmãs nas demais funções (Fluxograma 1).

Figura 11 - Organização do Círculo de Oração



Fonte: Autora (2022)

Todas as irmãs são subordinadas à liderança da presidente do grupo. Tendo em vista que a instituição funciona através de múltiplas hierarquias, dentro da organização do

⁵⁰ Utilizo o termo pastora, pois é como ela é tratada pela membresia, todavia ela não detém em regra as decisões da igreja, seu exercício pastoral é mais voltado para as irmãs do Círculo de Oração. Tratarei a respeito do pastoreio de mulheres no último capítulo.

Círculo de Oração, a presidente é quem assume a função mais alta e define quem a acompanhará nas demais funções. A escolha da presidente é feita pelo pastor da igreja que geralmente nomeia sua esposa para atuar nessa função. Ela é a responsável por indicar ao pastor da igreja as irmãs que podem ocupar os demais cargos do grupo e também é quem organiza o cronograma de atividades. No período que acompanhei as reuniões do círculo de oração, o grupo teve a irmã Maria da Luz como presidente de 2017 a 2021, posteriormente quem assumiu foi a pastora Mara Shirley.

Na AD de Boa Esperança o anúncio dos cargos é feito no primeiro domingo do ano quando acontece o culto administrativo. Nessa reunião o pastor presidente comunica à igreja quem prossegue em seus cargos e quem os deixa, geralmente ele anuncia o nome e a função que o membro irá desempenhar e o chama ao púlpito, logo após o anúncio de todos, o pastor faz uma oração sacralizando o momento.

A vice-presidência do Círculo de Oração é uma função de privilégio geralmente assumida por mulheres mais velhas, batizadas com o Espírito Santo e que sejam atuantes no grupo. Na nova gestão pastoral a função foi duplicada, haja vista que a demanda de atividades aumentou e o projeto de integração com as demais congregações foi retomado. Nesse contexto, as vice-presidentes revezam-se para fazer visitas às congregações e, quando na ausência da presidente, são elas que realizam os cultos do departamento e conduzem as demais atividades.

As responsáveis pelo louvor têm a atribuição de conduzir os ensaios do coral e designar as canções que serão apresentadas nos cultos. Essa função é outorgada às irmãs que possuem domínio musical e, no Círculo de Oração Rosa de Saron, elas também atuam como regentes do coral. No grupo há também as solistas, que são as pessoas responsáveis por conduzir os solos das canções entoadas pelo grupo.

O Círculo de Oração também possui secretária/tesoureira, a qual é responsável pela organização administrativa do grupo, como a frequência dos ensaios, atas de reuniões, orçamento dos eventos realizados e recolhimento das ofertas angariadas nos ensaios. Além da estrutura mencionada no fluxograma existem também as visitadoras, um segmento que não faz parte da organização do Círculo de Oração, mas é composto pelas mulheres do grupo. Não há uma definição específica para estas irmãs, mas seus nomes são escolhidos pelo pastor da igreja e geralmente são mulheres mais velhas, batizadas com o Espírito Santo e que tenham dons de visão e profecia. Essas irmãs são responsáveis por visitas domiciliares a doentes e

necessitados. Algo pertinente sobre esta função está no fato de que quem ocupa esse cargo acredita que está cumprindo um chamado divino.

Nesse ínterim, ao entrevistar irmã Lúcia em 2019 perguntei se ela desempenhava alguma função na igreja, e a mesma respondeu-me que não, disse que fazia visitas, mas “por conta própria”, pois não tinha sido consagrada pela liderança da igreja para exercer a função de visitadora, mas ela fazia mesmo assim porque “quando Jesus manda assim eu vou fazer”. A resposta da irmã Lúcia é semelhante à resposta da irmã Maria da Luz quando a questioneei sobre seu livre acesso ao púlpito, mesmo as mulheres na AD não tendo o “direito de ocupar” aquele lugar, ela retrucou dizendo que “o Espírito Santo usa quem Ele quer”.

É interessante notar como o trabalho dessas irmãs é justificado por uma carga espiritual, pois elas sempre frisam que são funções dadas pelo Espírito Santo e o exercício independe de seus quereres ou do pastor da igreja. No entanto, há uma ambiguidade presente nesses discursos, pois na igreja a ação do Espírito Santo é validada pela “aprovação” do pastor e caso ele não sinalize positivamente para isso, essa ação pode até ocorrer, como no caso de irmã Lúcia, mas de forma “clandestina”. Há muitas controvérsias na figura do pastor em relação às irmãs, ao mesmo tempo em que ele figura uma relação de respeito a carga espiritual que elas mobilizam através dos dons, existe também a política de controle que coloca o pastor como autoridade divina. Essas duas instâncias em alguma medida se chocam, como no caso da irmã Lúcia, mas não de forma permanente, pois o pastor é tido como representante divino com poder necessário para exercer controle, pois foi “Deus quem o colocou ali e somente Ele pode tirá-lo”.

Retomando a distribuição dos cargos do círculo de oração, a partir da definição de quem ocupa essas funções, o grupo inicia sua programação anual que atualmente está estruturada da seguinte forma: às terças-feiras à noite são realizados os ensaios; às quintas-feiras e aos sábados no horário de 16 às 19 horas as irmãs visitam os doentes da comunidade; aos sábados pela manhã há a consagração do grupo entre 8 e 10 horas. Além dessa programação semanal, há na primeira quarta-feira de todos os meses um culto das mulheres com todas as integrantes do círculo de oração do campo. Do mesmo modo, no primeiro sábado de julho acontece a conferência de mulheres que inicia pela manhã e encerra à noite. A programação anual do Círculo de Oração encerra em novembro com a festa de

bodas do grupo, transcorrida usualmente no dia 15 de novembro⁵¹, data que consagra a fundação do grupo.

Além dessa programação, o Rosa de Saron também realiza bazares, vendas de lanches e eventos artísticos. No ano passado, o grupo realizou vendas de churrasco, galinhada e feijoada para o projeto denominado "Formiguinha" (fig. 2), que foi implementado no início de 2021 pela pastora Mara com o intuito de angariar fundos para a reforma da igreja, no qual as irmãs foram divididas em três grupos e a cada 15 dias um grupo seria responsável pela venda de alimentos na igreja. Eu acompanhei as vendas de janeiro a abril de 2021 e ajudei na entrega das marmitas. Geralmente alguns dias antes das vendas a equipe de mídia da igreja ampliava a divulgação das vendas na página da igreja no *Facebook* e nos grupos de *Whatsapp*. Nas imagens abaixo estão algumas artes de divulgação que ajudei a construir enquanto acompanhava as ações do grupo.

⁵¹ Em 2018 a festa foi antecipada para 10 e 11 de novembro; em 2019 ocorreu em outubro e no ano de 2020 não houve festa.

3.1 Formiga quando quer se perder cria asas - observando para um dia poder voar

Figura 12 - Organização do Grupo Formiguinha



Fonte: AD Boa Esperança (2021)

Figura 13 - Primeira Ação das Formiguinhas

Figura 14 - Segunda Ação das Formiguinhas

<p>AD Boa Esperança <i>Estamos Fazendo uma Grande Obra e Não podemos Parar.</i></p>  <p>Feijoada da Construção 24 de janeiro de 2021 R\$ 8,00</p> <p>Apoio: Pr. Jonatas Assis <i>Pastor Presidente</i> Pra. Mara Shirley</p> 	<p>Colabore com a Construção do Novo Templo da Assembleia de Deus em Boa Esperança</p> <p>Círculo de Oração Rosa de Saron promove a venda de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Galinha Caipira ✓ Churrasquinho de carne de porco ✓ Churrasquinho de Carne Gado <p>Acompanhamento: Arroz, macarrão, salada</p> <p>Valor: R\$ 10,00</p> 
<p>Figura 15 - Terceira Ação das Formiguinhas</p>	<p>Figura 16 - Quarta Ação das Formiguinhas</p>
	

Fonte: AD Boa Esperança (2021)

A primeira ação das formiguinhas ocorreu em 14 de janeiro de 2021 e contou com o apoio de diversas irmãs, que algumas semanas antes do evento haviam solicitado aos demais membros da igreja que doassem os ingredientes necessários para as vendas e, em seguida, iniciaram o processo de vendas dos cartões de retirada. A meta estabelecida era de vender 200 marmitas de feijoada. No dia da ação a preparação para as vendas começaram

cedo, com as irmãs responsáveis pelo cozimento dos ingredientes chegando ao refeitório da igreja às 6 horas da manhã para iniciar todos os processos necessários, pois tudo deveria estar pronto antes das 11 horas para que fosse entregue aos clientes. As irmãs se revezavam entre cozinhar e montar as marmitas e antes do horário previsto solicitaram que eu e outra jovem do coral iniciássemos as entregas. O trajeto que percorremos foi bem curto, visto que a comunidade é pequena em extensão geográfica. Dessa forma, um pouco antes das 12 horas nós concluímos as entregas e almoçamos todas juntas no refeitório da igreja.

A segunda ação das formiguinhas ocorreu no dia 21 de fevereiro, tendo como opções no cardápio churrasco e galinha caipira (fig. 14). Assim como a primeira venda, o processo iniciou-se dias antes da data programada com a coleta dos ingredientes e venda dos cartões. No dia da programação a equipe recebeu ajuda de alguns obreiros da igreja que assumiram o processo final do churrasco, e também pôde contar com o meu auxílio no processo de montagem e entrega das marmitas.

A terceira venda ocorreu no dia 7 de março e o prato do dia era baião com churrasquinho (fig.15). Tal empreendimento não supriu as expectativas de lucro, ocasionando um maior espaço de tempo para o planejamento da ação seguinte, que veio a acontecer no dia 4 de abril de 2021 e contou com a mesma opção de alimentação da venda anterior. Nesse dia as irmãs contaram com apoio de boa parte dos demais membros da igreja, conseguiram os recursos para a preparação dos pratos e também ajuda no preparo e distribuição.

Nos anos de 2018 e 2019 as funções desempenhadas por elas centravam-se no grupo, nos núcleos de evangelismo, oração, louvor e visitas. Nesse período elas eventualmente realizavam vendas de lanches e quando o faziam, o valor arrecadado tinha a finalidade de arcar com materiais para o coral e alimentação das festas de bodas. Contudo, no período da reforma o trabalho já desempenhado passou a coexistir junto às ações das formiguinhas e as irmãs também assumiram a limpeza da igreja, além de demandas financeiras que eram solicitadas nos cultos como ofertas para comprar materiais de construção.

Durante a reforma, outro ponto a ser destacado é a divisão de tarefas entre os obreiros e as irmãs. Quando a obra iniciou em 4 de janeiro de 2021, o pastor presidente convocou os obreiros a “colocarem a mão na massa”⁵² e eles se dividiram diariamente para auxiliar no processo da reforma. Em contrapartida, as irmãs seriam responsáveis pela alimentação de todos que estavam na obra, limpeza do local, além de realizarem as tarefas do

⁵² Trecho retirado do meu caderno de campo referente ao culto do dia 3 de janeiro de 2021.

projeto formiguinha. Nos meses seguintes o fluxo de trabalho dos homens diminuiu, visto que um pedreiro foi contratado para dar prosseguimento à reforma, mas o trabalho das mulheres tornou-se ainda mais intenso, visto que teriam que arrecadar mais recursos financeiros para custear o salário do pedreiro.

3.2 Porque Deus chamou mamãe e não a pastora para ser chefe de refeitório?

No que tange à divisão de tarefas, a igreja reproduz a estrutura da sociedade androcêntrica que o colonialismo impôs às populações não europeias. Aqui eu rememoro o que diz a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí a respeito do conceito de gênero, pois para ela tanto o conceito quanto todas as opressões que advêm da binaridade de gênero são frutos de uma “invenção ocidental”. Afinal o que é ser mulher e quem é reconhecida de tal forma pela sociedade? As reivindicações dos movimentos de mulheres não brancas mostraram que o ser mulher na verdade sempre esteve pautado na branquitude. Quando Sojourner Truth, uma mulher negra que fora escravizada, questiona “e não sou uma mulher?”⁵³ ao ouvir provocações de pastores brancos que insistiam que “a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio”, ela expõe a colonialidade do gênero que nem sequer considera a agência de mulheres negras. Dentro das igrejas essa subjugação é ainda mais latente, pois encontra espaço no texto bíblico. Quando Sojourner Truth reivindica o direito de ser mulher ela denuncia o discurso que sacraliza a desigualdade de gênero e raça

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

A fala descrita acima é um reflexo de como a religião cristã opera, no trecho anterior ao discurso acima, ela rememora que teve 13 filhos que foram arrancados de seus braços para serem vendidos como escravos e ninguém a não ser Deus a ouviu. É necessário lembrar que o passado doloroso da escravidão foi endossado pelo cristianismo, em nome de um deus branco europeu todo um continente foi roubado, populações foram mortas e esse plano segue em fluxo através do protestantismo. Há uma premissa de que os senhores usavam o versículo x de coríntios onde Paulo, o apóstolo, orienta o povo a ser escravo de Cristo. A narrativa da salvação de povos não brancos está enviesada na busca por poder, não se trata de

⁵³ Ain't I a woman?”, discurso feito na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 29 de maio de 1851.

evangelho, mas de conquista de território e etnocídio. O “morrer para o mundo e viver para cristo” é um discurso propagado em igrejas evangélicas que instituem um deus bélico que tudo o que não é voltado a ele deve ser extinto. Essa construção de uma persona de um deus autoritário é o que marca a igreja que cresci, nesse caso não há espaço para discordâncias ou reivindicações. Esse fenômeno reflete em uma construção de uma hierarquia, que por vezes simula uma falsa unidade harmoniosa onde todos são partes de um todo e agem para o bem-estar da comunidade.

A igreja vende uma falsa ideia de democracia e um disparate de democracia racial e de gênero, onde não existe opressão. E todas as funções (e opressões) são de autoria do divino e cabe a ele dizer quem ocupa os cargos e quem é santo. A saber, neste caso, o divino pode ser traduzido como: o pastor. Dessa “unidade” vem a divisão de tarefas. Enquanto Albertina Malafaia, Cassiane, Alice Marques, Mara Shirley se regozijam com o pastorado por consagração porque são mulheres brancas com poder aquisitivo e não sendo válido reivindicar o poder que elas já exercem, as mulheres não brancas estão ocupando lugares de chefe de refeitório, secretárias, zeladoras, ou seja, estão exercendo trabalhos domésticos e servindo as pastoras brancas.

O ponto a ser destacado é que a igreja se alicerçou nas pilastras do racismo e se mantém assim até o presente. O caso de Emília Costa reflete isso, visto que, ela foi a única mulher consagrada ao diaconato em 110 anos de fundação da igreja Assembleia de Deus. É válido ressaltar que ela era uma mulher negra retinta, o que temos sobre ela nos registros? Quantos membros se converteram através dela? O racismo que se perpetua neste espaço não só mata simbolicamente os corpos não brancos como apaga seus nomes da história. No tópico seguinte trarei trechos de entrevistas com 3 irmãs do Círculo de Oração, elas serão identificadas com nomes fictícios por questões éticas, mas apresentarei a idade e como elas se veem racialmente.

Como você enxerga a divisão de tarefas entre homens e mulheres na igreja de Boa Esperança?

Uma igreja muito patriarcal e eu tenho percebido que às vezes determinados pastores, eles ainda... parece assim que valorizam muito assim a questão do trabalho masculino no púlpito. A mulher dentro da igreja, ela ainda tá muito com aquela função de cuidadora mesmo, de auxiliadora. Você observa que tem um trabalho, tem sim muitas mulheres missionárias, mulheres pregadoras, tem...claro que tem, mas quando a gente diz assim, tem muitas é numa visão muito pequena porque se a gente for botar isso mesmo em números, em estatísticas, sabe que na verdade é infinitamente inferior o número entre homens e mulheres. Por exemplo, tu sabes que a Boa Esperança é pequena, é uma igreja do interior e aí tu sabes também a nossa

realidade. Eu acho que não é diferente nas outras igrejas, quando eu comento isso com os pastores eles dizem assim: essa é uma realidade de todas as igrejas. As mulheres aqui por exemplo nessa construção são aquelas que estão na cozinha, que estão dividindo a sua aposentadoria, as suas diárias na cozinha alheia, suas diárias na casa de farinha pra comprar os alimentos, fazer aquelas doações, preparar a cantina, vender e entregar o dinheiro para aplicar na obra, tu sabes que é assim né, isso não é uma conversa de fofoca é uma conversa de real, de realidade porque você sabe que é isso né (Irmã Jussara, 56 anos, parda).

Muito mal distribuído! Colocam um homem sem capacidade de louvor e sem liderança (referindo-se aos cargos da igreja). Os diáconos que é pra arrumar as coisa dentro da igreja não estão nem aí, nem dentro nem fora, não sabem nem servir uma ceia e eles têm cargos sem capacidade de ter enquanto tem mulheres capacitadas, mas não colocam porque são mulheres. E a Bíblia é machista desde a fundação do mundo, tudo que não prestava era as mulheres. Tudo que prestava era só os homens. Se pegasse no adultério era só a mulher que pegava, quem tava com ela já tinha caído no mundo há muito tempo. O homem podia ter mil mulheres, a mulher não podia, morria apedrejada. Então todo tempo mulher foi tapete tanto na igreja como em vários lugares. Então eu vejo dessa forma (Irmã Laís, 55 anos, negra)

Aqui em Boa Esperança no nosso tempo agora as mulheres estão levadas mais para o lado das vendas da construção, na parte das visitas aos doentes, aos enfermos, viúvas, na parte da oração. Agora os homens estão na parte da construção, do evangelismo, tá na parte dos homens. Os homens estão na parte da liderança de frente, das congregações né, a liderança de frente é sempre os homens em termo da administração geral e nós mulheres somos adjuntoras no termo de auxiliar na parte financeira. Na parte espiritual a gente comanda e na parte financeira também, as mulheres ajudam também, não tirando o papel dos homens, então tá distribuído assim (Irmã Salete, 34 anos, branca).

Antes de tecer análises sobre os depoimentos acima é necessário dizer que essas entrevistas foram realizadas em 2022, eu já estava desviada da igreja e procurei as irmãs para fazer algumas perguntas que ao meu ver eram necessárias à pesquisa. É importante dizer também que essa era a igreja que eu fazia parte e as irmãs conhecem minhas críticas ao sistema que está ali, quando fiz as entrevistas ainda estava em um lugar de tentar uma abordagem neutra, a irmã Jussara em todo momento devolvia a palavra a mim com “tu sabes” ou “não é fofoca, é a realidade”. Já irmã Salete por sua posição na igreja se colocou a todo momento com visão amena das coisas. No entanto, o ponto que todas destacam é a jornada tripla de trabalho das irmãs, a doação de dinheiro além dos dízimos e ofertas, o machismo e a exploração.

Irmã Salete ao falar de liderança feminina destaca que as mulheres comandam a parte financeira. Seu discurso é acompanhado de um romantismo do trabalho das irmãs no projeto formiguinha, todavia essa liderança remete a uma doação de muito trabalho das irmãs como elencado no subtópico 4.1. Essas mulheres em sua maioria recebem um salário mínimo, além de sustentar suas casas, ainda angariam recursos para a reforma da igreja e cestas básicas aos irmãos que estão em situação de vulnerabilidade social. Durante minha infância até meus

26 anos vi minha mãe desempenhar essas funções e muitas vezes a ajudei. O que ela sempre enfatizou era de que o trabalho que exercia era pra Deus, eu lembro que na minha infância ficava extremamente chateada porque Deus só requeria minha mãe e a sobrecarga dela fazia com que nossa família não dispusesse de momentos de lazer como as outras famílias.

Afinal qual a diferença da minha mãe para irmã Salete, irmã Albertina Malafaia, irmã Alice Marques? Por quais razões Deus chamou mamãe para ser chefe de refeitório e não a pastora Mara Shirley ou irmã Marinete? Aqui eu volto brevemente para a história de William Seymour (1870-1922), considerado o pai do pentecostalismo, um homem negro, ex-escravo, líder do movimento da Rua Azusa que aprendeu sobre a teologia do batismo com o espírito santo na escola bíblica do pastor metodista Charles Parham “uma escola bíblica onde um negro não pode entrar, mas assiste pela janela” (Alencar, 2012, p. 47). Não é minha intenção trazer uma análise histórica do pentecostalismo, todavia é importante frisar que um dos motivos pelos quais o movimento da rua Azusa não se manteve em êxito foi a segregação racial⁵⁴. Segundo Gedeon Alencar as AGs (Assemblies of God) eram, inicialmente, “igrejas brancas segregacionistas. Algo que, evidentemente, os historiadores pentecostais escondem, e que na historiografia brasileira é desconhecido ou propositalmente encoberto” (p.48).

Essa divisão racista entre igrejas brancas×igrejas negras foi simbolicamente encerrada em 1994 em uma cerimônia onde pastores brancos líderes das AGs lavam os pés dos pastores negros das Igrejas de Deus em Cristo (igrejas negras). Esse encontro ficou conhecido como o Milagre de Memphis(fig.19).⁵⁵

Fig 17 - O milagre de Memphis

⁵⁴ Para esse debate ver (Silva, 2015; Oliveira, 2015)

⁵⁵“The Miracle Memphis” foi um movimento de reconciliação entre as igrejas brancas e negras nos EUA, acontecida em 1994 em Memphis, Tennessee. Para mais informações veja <https://brill.com/view/journals/pneu/17/1/pneu.17.issue-1.xml>. Acesso em 2 de Julho de 2023.



Fonte: Autoria desconhecida

Essa imagem me causa grandes impactos em mim, primeiro porque é estarrecedor que só em 1994, 30 anos depois da Lei de Direitos Civis, as AGs reconheceram que a segregação racial foi um erro e me volto ao que Grada Kilomba (2020) diz sobre o reconhecimento por parte de pessoas brancas dos danos que o racismo causa, ela é enfática ao dizer que isso só ocorre quando nossas experiências enquanto pessoas negras se configuram como risco ao conforto de pessoas brancas. Segundo porque lembrei de uma fala de Mano Brown “depois que inventaram o pedido de desculpas nunca mais morreu ninguém”, não estou aqui defendendo uma reação violenta, mas o milagre de Memphis em nada apaga os danos que o racismo causou e ainda causa em pessoas negras que estão nas igrejas. Não se pode esperar que um pedido de perdão mude um segmento que até o presente momento não consegue dialogar sobre racismo e tratá-lo com a seriedade de um crime. Ademais as cicatrizes psíquicas que o racismo causou não foram e nem serão apagadas com um pedido de perdão.

3.3 Culto da Covid - uma pesquisadora incoerente e consumida pela ordem pentecostal

Figura 18 - O Pré-Congresso



Fonte: Autora (2021)

Na sequência da última ação do grupo Formiguinha ocorreu o pré-congresso do Círculo de Oração (Fig. 20), sendo este o primeiro evento geral do grupo depois do afrouxamento das medidas sanitárias contra a Covid-19⁵⁶. Abaixo constam os meus registros sobre o evento no caderno de campo.

Figura 19 - Cartaz de divulgação do Pré Congresso

⁵⁶ Decreto nº 692/2021 de 18 de Fevereiro de 2021 que “dispõe sobre a atualização das medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus no município de Santarém e dá outras providências”. Disponível em: <https://transparencia.santarém.pa.gov.br/portal/documentos/decreto-no-6922021-gappms-de-18-de-fevereiro-de-2021-602f0a53b252c>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022



Fonte: AD Boa Esperança (2021)

Sábado, 10 de abril de 2021, um dia chuvoso e com bastante lama na comunidade de Boa Esperança. Minha mãe estava fazendo vatapá e pudim, pois à noite teria o primeiro pré-congresso do Círculo de Oração geral, ela participa do grupo há 25 anos e atualmente é uma das solistas do coral, nesse dia ela seria a responsável pelos lanches e pelo solo de um dos hinos. Ela me convidou para ajudá-la com as vendas e assistir ao culto e como seria um culto ao ar livre com todos os presentes usando máscara, decidi aceitar. Seria uma possibilidade de ajudar minha mãe e acompanhar o evento das irmãs para a minha pesquisa.

O pré-congresso é um culto dirigido pelas irmãs e para elas e funciona como um aquecimento para a festa de mulheres que geralmente acontece em novembro, mês de aniversário do círculo de oração. Nesse dia o culto seria em uma das congregações ligadas a AD em Boa Esperança, a congregação Nova Canaã, que fica na comunidade de Paxiúba, cerca de 10 km da comunidade de Boa Esperança.

Nesse dia minha mãe organizou o lanche e esperamos a pastora que nos levaria até o local do culto, ela atrasou cerca de 20 minutos e quando chegamos no local o culto já tinha começado. Para minha surpresa, o culto estava acontecendo dentro da igreja, as irmãs justificaram dizendo que temiam que chovesse e por esse motivo mudaram o local do culto. A igreja era bem pequena, tinha cerca de 3 metros de largura por 7 de comprimento, as irmãs do círculo de oração estavam em peso e a igreja lotou. Me sentei próximo ao púlpito e tentei manter distanciamento do coral que estava atrás de mim, as irmãs estavam de máscara, mas sempre que subiam ao púlpito para pregar ou cantar elas tiravam a máscara.

O culto seguiu a liturgia de costume, as irmãs cantaram seus louvores, algumas tiveram a oportunidade de falar sobre como estavam se sentindo naquele momento, a

pregadora da noite teve sua oportunidade e falou sobre o Salmo 121 “O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra”. Ela explanou sobre como a vida das irmãs estava difícil na pandemia e ressaltou a importância de confiarmos em Deus. O culto terminou cerca de 21:30 hrs, ajudei minha mãe com as vendas dos lanches e retornamos para casa.

Denominei esse episódio como “Culto da Covid”, pois dois dias após o evento 11 irmãos presentes mostraram-se sintomáticos, dentre esses, minha mãe e meu irmão. Dentro deste quantitativo, duas irmãs apresentaram a forma grave da doença e precisaram de internação hospitalar, mas logo uma delas teve alta, no entanto a outra irmã necessitou ser transferida para a Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Regional do Baixo Amazonas e precisou ser entubada. A igreja seguiu funcionando normalmente, mas eu não a frequentei, me isolando junto a minha mãe e meu irmão para cuidar deles, mas também precisava fazer visitas constantes ao meu pai para levar medicamentos e alimentos. Esse período, sem dúvidas, foi um dos mais difíceis da pesquisa, visto que não consegui acompanhar as aulas que seguiram e vivi o desespero de ter três pessoas da minha família contaminadas. Minha mãe apresentou melhora dez dias após o isolamento, meu pai estava vacinado com a primeira dose da vacina *Pfizer* e não teve sintomas graves, o que tornou a sua recuperação mais rápida. Todavia, meu irmão apresentou sintomas graves e demorou cerca de dois meses para se recuperar.

Nesse período a pesquisa seguiu rumos inesperados. O fato de estar atuando enquanto *outsider* me permitiu dialogar com as irmãs com mais destreza, todavia, meu campo também era a igreja que eu frequentava junto com a minha família e os riscos da exposição não afetaram só a mim, mas a eles também. Naquele ponto decidi que não voltaria a frequentar os cultos até que estivéssemos vacinados. Minha mãe retornou depois de um mês, mas eu só retornei em julho para a conferência de mulheres, depois de ser imunizada pela primeira dose da vacina *Astrazeneca*.

O escasso acesso da população de Boa Esperança às políticas públicas de saúde, visto que a comunidade conta apenas com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) que funciona de segunda à sexta de 8 às 17 horas e dispõe de três técnicos em enfermagem, uma enfermeira e uma médica da família. O "culto da COVID" me provocou enquanto uma cientista social recém formada que já havia sido advertida pela professora Carla no final da graduação na UFOPA, na ocasião do ensaio para outorga nos primeiros dias de pandemia. Ali já como mestranda e "Antropóloga formada" outros compromissos e responsabilidades me chegavam e eu não podia ser anuente com uma instituição que continuou com a programação normal depois do episódio que causou evidente contaminação de membros da igreja. E, ainda que alguns estivessem assintomáticos, o procedimento da minha congregação era irresponsável e

criminoso. Tudo isso me fez produzir uma autocrítica sobre minha participação neste culto e sobre se eu teria, de fato, forças para seguir com a pesquisa. Ressalto que o fato de que dos onze infectados, seis eram mulheres do círculo de oração, mulheres pobres e pretas e sem estrutura domiciliar adequada para cumprirem o isolamento recomendado pelo Ministério da Saúde e que a UBS atendia não só a comunidade local, mas também fornece subsídio às comunidades vizinhas.

No período em que os onze membros da AD foram infectados pela Covid-19, a UBS da comunidade não conseguiu fornecer o atendimento adequado, visto que não tinha estrutura para tal. A igreja seguiu realizando suas atividades normais com cultos, reuniões e ensaios para todos os departamentos, realizou inclusive um batismo em águas, mesmo com pedidos reforçados da enfermeira local para que evitassem aglomerações. O posicionamento da Assembleia de Deus em Boa Esperança é uma pequena amostra da atitude das igrejas evangélicas frente à pandemia, ao instigar seus membros a irem aos templos quando a recomendação da Organização Mundial da Saúde era de que a população permanecesse em casa⁵⁷. É válido ressaltar que o posicionamento da igreja foi uma das múltiplas ações em concordância ao Governo Federal que não só desencorajou as medidas de prevenção à pandemia, mas ampliou a divulgação de notícias falsas que foram endossadas em grupos religiosos nas redes sociais.

Segundo Dyego Arruda e Caroline Santos (2021), a Covid-19 perfaz um dos múltiplos elementos da necropolítica que assola os corpos negros, e tal fato é evidenciado em um estudo sobre o descaso do governo brasileiro para com a população negra e o quanto isso corroborou para que esta fosse a mais impactada pela pandemia do SARS-Cov-2. No período de coleta de dados percebeu-se que a internação e morte da população negra aumentaram sistematicamente, enquanto o da população branca diminuiu (Quadro 1). Como salientam Goes, Ramos e Ferreira (2020) a população negra tem os maiores índices de Doenças Crônicas Não-Transmissíveis, tais como Diabetes e Hipertensão Arterial Sistêmica, configurando-se comorbidades, que associadas à infecção pela Covid-19 aumentam as chances de óbito de quem apresenta a doença.

Quadro 1 - Percentual de pessoas hospitalizadas e mortas pelo Covid-19 no Brasil e seus respectivos pertencimentos raciais – dados relativos ao período entre abril e maio/2020

⁵⁷ No momento em que esse texto estava sendo construído, o Brasil registrava 687.478 mortes por covid-19 números coletados pelo consórcio de imprensa a partir dos dados das secretarias de saúde dos municípios. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

Boletim epidemiológico	% de pessoas hospitalizadas			% óbitos		
	Negros/as	Branco/as	Outros	Negros/as	Branco/as	Outros
nº 9 (publicado em 11/04)	23,9	73	3,1	34,3	62,9	2,8
nº 10 (publicado em 16/04)	30	67,3	2,7	37,3	59,5	3,1
nº 11 (publicado em 17/04)	30,7	66,6	2,6	37,8	59,1	3,2
nº 13 (publicado em 20/04)	32,3	65,1	2,6	40,4	56,6	3
nº 14 (publicado em 26/04)	37,4	60,3	2,2	45,2	52,3	2,5
nº 16 (publicado em 18/05)	46,7	51,4	2	54,8	43,1	2,2
nº 17 (publicado em 29/05)	49,1	49	1,9	57	41	2,1
Diferença no período (em pontos percentuais)	+25,2	-24	-1,2	+22,7	-21,9	-0,7

Fonte: Arruda e Santos (2021: 825)⁵⁸

Dentro dessa estatística de comorbidade encontra-se a minha mãe, que, assim como as demais irmãs do círculo de oração, voltou aos cultos assim que se recuperou. Elas emanavam o discurso de que foram curadas por Deus e o fato de terem sido acometidas pela covid-19 foi “obra maligna”. Essas expressões são usadas com grande frequência por elas, que atribuem os problemas que lhes acometem a obras do diabo, onde tudo é espiritualizado e retira-se a carga e responsabilidade que a instituição detém sobre essas ações.

⁵⁸ Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/download/37297/25463>. Acesso em 16 de junho de 2022.

3.4 A Teologia do sofrimento e o *ethos* da mulher de fé

Figura 20 - Cartaz de divulgação da conferência



Fonte: AD Boa Esperança (2021)

A Conferência de Mulheres ocorreu em 10 de julho de 2021, e, assim como os demais eventos do círculo de oração, foi organizada previamente e dessa vez com todas as irmãs imunizadas com a primeira dose da vacina contra a Covid. Um dia antes da programação eu acompanhei a decoração da igreja e a preparação da alimentação para as mulheres convidadas. Ao chegar no local percebi que já haviam limpado a igreja e iniciado a decoração com balões de cor laranja e tecidos brancos para combinar com o traje do evento. A expectativa do evento era que fosse um espaço acolhedor para mulheres, então para isso a igreja teria que transparecer um “ambiente agradável”.

O evento iniciou pela manhã com uma reunião mais intimista só para mulheres, contando com a direção da irmã Maria da Luz. Ela iniciou com a liturgia costumeira das reuniões, com oração e na sequência a leitura da passagem bíblica que seria o tema do evento.

Logo após, tal irmã deu um depoimento emocionado sobre como aquele momento era importante e que sua permanência na igreja era marcada por “muitas lutas, mas também muitas vitórias”. As demais irmãs que subiram ao púlpito utilizaram desse mesmo jargão para enfatizar seus motivos de permanência no grupo e as razões por suas preces. Nesse contexto, percebe-se que elas estão sempre imbuídas de uma carga de sofrimento que só cessa com “muito clamor e perseverança”, bem como outros jargões comumente usados por elas que remetem ao sofrimento, a dor física, emocional e/ou espiritual que no final (no dia do juízo) será recompensado pela “salvação”. Em seus discursos são citadas outras mulheres que na narrativa bíblica conseguiram galgar lugares de honra a custo de muito sofrimento.

No primeiro dia de festa do círculo de oração em 2018, a presidente do grupo convidado teve a oportunidade para se expressar no púlpito e valeu-se da ocasião para ler uma passagem do livro de 2 Crônicas 15:7 com os seguintes dizeres “mas esforçai-vos, e não desfaleçam as vossas mãos; porque a vossa obra tem uma recompensa” (BÍBLIA, 2011). A explicação para o uso desta passagem foi de que as mulheres da igreja continuassem perseverando em oração e suportando as mazelas com alegria. A disciplina e a perseverança são vistas como características da mulher de fé, visto que, no contexto de mulheres do âmbito rural, é a fé quem a motiva a aguentar as mazelas da vida, os problemas de alcoolismo do companheiro e as demais provações que as atormentam.

A teologia do sofrimento é muito presente nos discursos das irmãs, há uma ênfase em frases como “o sofrimento gera testemunhos”, “obediência gera bênçãos”. As mulheres são ensinadas e reproduzem esse discurso de que para alcançar uma benevolência é necessário passar por etapas. É comum ouvi-las falando em clamor, que diferente da oração, este é visto como um diálogo com o divino, logo, o clamor é mais do que um pedido ou um simples apelo, pois faz parte do *ethos* da mulher de fé. Nesse contexto, em uma entrevista que realizei em março de 2022 com a pastora Mara, ela testemunhou sobre seu milagre, fruto de clamores a Deus.

Então assim eu vivi muitos milagres, Davi é fruto de milagre de oração, eu passei 10 anos da minha vida chorando, orando pelo milagre da maternidade e era no círculo de oração que eu sempre orava e buscava a Deus, eu clamava a Deus todos os dias. Deus tirou o opróbrio do meu coração e com 10 anos Deus ouviu o meu clamor e me deu Davi Lucas, presente de Deus. Então eu vivi muitos milagres através da oração né e recebi no círculo de oração, eu sou fruto disso, vivo isso todos os dias, então a bíblia fala que a oração do justo pode mundo em seus efeitos e Deus ouve a oração de um justo, Deus ouve a oração do povo né, Deus ouve o clamor...

É válido ressaltar que a teologia do sofrimento está imbricada no *ethos* rural que marca o início das Assembleias de Deus no Brasil e é visível principalmente nas igrejas interioranas como a de Boa Esperança. Em suma, a igreja funciona como uma extensão da casa dessas irmãs, visto que se em seus lares elas devem performar a conduta da “mulher sábia que edifica seu lar”, sendo submissa ao marido, condição que é reforçada dentro da igreja ao intitularem-se “servas do senhor” e “ovelhas do pastor”. Sob essa perspectiva, se em suas casas elas devem submissão a seus maridos, na igreja é ao pastor que é sacramentado como o “anjo da igreja”. Nesse contexto, a narrativa bíblica citada anteriormente reforça esse papel de que a mulher cristã deve ser esforçada, sábia e perseverante, pois há de ser recompensada. Todavia, ao analisar esse discurso percebe-se o perigo nas entrelinhas, visto que, reforça o silenciamento dessas mulheres, que ao mesmo tempo em são tidas como os pilares das igrejas e dotadas de uma conduta sobrenatural indispensável, também estão debaixo da “cobertura espiritual” de uma estrutura androcêntrica.

4 COMENDO EM PRATO DE OURO E ARROTANDO SANGUE (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras segue um padrão estabelecido nos primeiros dias da escravidão. Como escravas, o trabalho compulsório obscurecia todos os outros aspectos da existência das mulheres. Parece pois que o ponto de partida para uma investigação da vidas das negras sob a escravidão seria uma avaliação de seus papeis como trabalhadoras
Angela Davis (2016)

A epígrafe que está nas linhas acima descreve perfeitamente o lugar da minha mãe na igreja. Como disse no meu testemunho, ao longo dos anos, a liderança da igreja rebaixou a mamãe de seus cargos. Aumentando ainda mais a carga de trabalho que ela já tinha nesse espaço, de líder do círculo de oração e regente, ela passou a ser chefe de refeitório e mesmo não estando ocupando as posições no grupo de louvor, constantemente era acionada para “ajudar” a liderança. Desta forma mamãe tinha sua jornada de trabalho triplicada, mas seu trabalho nos cargos para qual não foi consagrada era tido como “ajuda”.

Durante toda minha infância e adolescência eu vi minha mãe dividir-se entre a igreja, a escola e o roçado. Mamãe acordava às 5 da manhã para fazer a refeição que nós almoçaríamos na roça, às 6 acordava a gente quando o trabalho envolvia torrar farinha, quando não, ela nos deixava dormindo mais um pouquinho e meu pai ficava incumbido de nos acordar às 7 hrs para cuidarmos da casa e dos bichos enquanto ela trabalhava. Às 10 horas ela retornava para se preparar para dar aulas e nos levar para a escola, depois de um tempo eu e minha irmã mais velha passamos a estudar em outro colégio porque a escolinha que mamãe dava aula não tinha a nossa *série*. No entanto, a rotina continuava a mesma, exceto pelo fato de que eu e Samilles não íamos mais ao roçado pela manhã porque precisávamos sair cedo de casa para andar cerca de 3 km até o ponto do ônibus escolar. Nessa época mamãe era regente do círculo de oração da congregação do ramal e quando retornava da escola ainda ia para a reunião do círculo de oração.

Essa rotina percorreu boa parte da minha infância e me fez acreditar que éramos muito pobres, logo, todo aquele trabalho era necessário para que sobrevivêssemos. Ao crescer e entender que minha mãe era funcionária pública e não necessariamente necessitava daquela tripla jornada de trabalho eu a questioneei acerca do que a levava a trabalhar tanto. Ela me deu três respostas incisivas; sobre a igreja, disse que tudo “era pra obra do senhor” e “aquilo não era trabalho”; No que diz respeito à escola, mamãe alegou que a profissão a escolheu e

vice-versa, e que ela amava dar aulas; sobre a roça, ela julgava necessário complementar a renda que tinha, visto que meu pai não contribuía financeiramente com a família.

Eu guardei essas respostas, mas ainda inquieta refiz essas perguntas a ela em 2021, ano que enfrentamos a Covid-19 e minha mãe foi infectada 3 vezes pela doença, duas delas estando em reuniões na igreja. Outro motivo para meu questionamento foi que naquele ano mamãe foi empossada como chefe de refeitório, que é uma maneira mais amena da igreja nomear a pessoa que cozinha e limpa o espaço. Nesse ano vi que ela aceitou o cargo com muito lamento, mamãe é uma ótima cozinheira, mas como disse no testemunho que antecede esse texto, ela trabalhou por muitos anos em locais em regime de escravidão e isso causou traumas profundos nela, que por exemplo se reverberam no fato de que minha mãe não faz os trabalhos domésticos de nossa casa. Ela costumava nos dizer “não sou mais escrava de ninguém, cuidem da casa” e assim ela seguia e algumas vezes durante o mês ela fazia faxinas e quando não estava na igreja era responsável pelo almoço de domingo em nossa casa.

No entanto, mamãe cozinhava na igreja, seja em festas ou em grandes cultos. Sempre era uma correria em nossa casa porque eu e minha irmã precisávamos cuidar da casa e de nosso irmão caçula para que ela estivesse na igreja. Nós também éramos conhecidas como as meninas que viviam na igreja, pois mamãe sempre estava lá e para estarmos com ela e dividir a carga do excesso de trabalho, as angústias e estresses que ela sofria, entendíamos que era necessário ir pra igreja com ela. Como disse no testemunho, o cuidado é algo presente na vida de mulheres negras e foi assim durante 25 anos.

Naquele momento, quando a questioneei sobre isso, ela me respondeu que “não fazia pelo homem, mas para a obra de Deus”. Antes de pontuar meus incômodos frente a essa fala da mamãe, tentarei elaborar como é o espaço do refeitório. O refeitório da igreja é o espaço onde acontecem os almoços, jantares e cafés colaborativos. Como visto no capítulo 2 este espaço também é utilizado pelo projeto formiguinha para a preparação dos alimentos e nos meses iniciais de reforma da igreja, os cultos eram realizados na área de alimentação do refeitório. O espaço é composto por uma cozinha com 2 fogões industriais, uma pia e uma despensa. Entre a cozinha e o salão onde acontecem as refeições tem um balcão que separa os dois espaços. O salão é composto por duas mesas com cerca de 2 metros com capacidade para cerca de 40 pessoas sentarem ao redor. Durante minha infância as refeições colaborativas no refeitório eram comuns, recordo que todo culto de santa ceia era marcado por um almoço colaborativo na igreja, onde os irmãos levavam alimentos prontos de suas casas e todos almoçavam no refeitório antes de retornarem para suas casas.

Nessas refeições minha família sempre oferecia parte dos alimentos que seriam consumidos por todos. Os irmãos, que eram pequenos produtores rurais, se revezavam na doação de gado para as refeições nas festas da igreja. Tenho memórias de meu pai doando gado e minha mãe doando galinhas e porcos para as festas. A última vez que minha família fez isso foi no aniversário de um dos pastores. Meu irmão matou um de nossos bois para o churrasco de aniversário do pastor. Lembro que nesse dia eu estava na cidade e quando cheguei encontrei mamãe e meu irmão chateados, ao indagá-los fui informada da doação e de que no dia anterior o pastor tinha acompanhado a *matança* do boi, segundo eles com o intuito de verificar “se não iam roubar nada”.

Mamãe ficou tão inconformada que não quis ir ao aniversário e meu irmão também se recusou, pois além da desfeita do pastor, surgiram comentários na comunidade de que não seria ofertado o churrasco para toda igreja somente para os amigos mais íntimos do pastor e os demais irmãos seriam agraciados com um cozido. Ao indagar meu irmão se ele tinha verificado a informação, ele disse que “não ia atrás de conversa, mas que se fosse pra comer cozido, era melhor ficar em casa”. Eu achei um absurdo doar aquele animal que foi alimentado com tanto zelo por todos nós e que poderia ser uma renda extra, pra uma pessoa que agia como se fôssemos seus subordinados, depois entendi que de fato nós éramos. Nesse dia eu fui ao aniversário e não sei se o pastor foi alertado sobre a fofoca do cozido, mas teve churrasco para todos os presentes e cozido também.

Naquele momento eu não dispunha dos recursos necessários ou não conseguia entender que minha família era explorada. A igreja funcionava como um engenho e nós éramos as forças de trabalho exploradas para que aquela estrutura funcionasse. O cargo “chefe de refeitório” na verdade colocava minha mãe em um lugar subalterno pela agência de ser mulher negra divorciada. Os impactos do racismo foram tão latentes que ela, tampouco eu, que já tinha leituras dos estereótipos que circundam a mulher negra, não percebíamos. Hoje escrevendo esse texto fui recordada pela minha irmã que quando éramos crianças, o refeitório não era ambiente frequentado pelos pastores, eles faziam suas refeições na casa pastoral e se o culto recebia visitas de outros líderes de igreja, estes também iam para a casa pastoral. O almoço não era tão coletivo assim e a divisão de classe, raça e gênero era evidenciada nesses momentos. Quem fazia refeições na casa branca? Os homens brancos donos de igrejas e suas esposas. E quem estava na senzala? Os homens, as mulheres e as crianças que sustentavam a casa branca oferecendo filé mignon para seu churrasco enquanto comiam cozido das ossadas que sobraram do boi.

5 PREGUIÇA E MANDINGA - BRECHAS, MARÉS E FISSURAS NO RAMAL DA MOÇA(CONCLUSÃO)

Até hoje você não saiu da igreja, você é uma desviada (Munzanzu, U. 2023).

Figura 21 - EtnOrígrafia



Fonte: Acervo do Projeto Mulheres Negras em Rotas de Liberdade, foto: Maia Gonçalves (2023)

Em uma das muitas noites de diálogo com a cineasta e antropóloga Urânia Munzanzu sobre a minha dificuldade de encerrar essa escrita, ela me contou uma história de um Exu de nome *Forasteiro*.

Thaisinha, você sabia que o Exu que mora nessa porta aqui de casa é um Exu chamado Forasteiro? Uma divindade que não tem uma parte do braço. Ele decidiu tomar conta da porta da casa de uma família sapatão. O corpo dele não tem parte de um membro, mas nem por isso ele deixa de ter força e de ser "divino". A imperfeição, a "falha" não é uma sentença nem um problema para o povo do candomblé, você deveria pensar sobre isso (Munzanzu, U. 2023).

Nesse diálogo ela me provocou sobre a coragem de arrancar a igreja do meu corpo botando pra fora (na escrita) os processos que foram vivenciados por mim até o presente momento. Quando na introdução eu reconheço as dificuldades de me colocar enquanto forasteira na igreja isso remete ao fato da minha saída não ser antecedida por um desligamento formal, pois nesse processo eu opero enquanto um corpo que se desviou, todavia não houve uma ruptura definitiva com o "corpo de Cristo", meu corpo ainda está amputando essa parte. Esse processo de transformação iniciou em 2015 quando entrei na universidade e me fui apresentada a leituras que me fizeram refletir sobre o lugar que eu ocupava no mundo. Foi no encontro com meus colegas, professoras, terreiro, capoeira, o rio, o mar e todas as travessias, que entendi o que bell hooks fala sobre a pedagogia da transgressão. Há uma transformação significativa nesse membro que está rompendo com o corpo de cristo, a pessoa/pesquisadora que escreve esse texto não é mais a filha da irmã Preta que queria ser pregadora e ao entender que não poderia fez um Trabalho de Conclusão de Curso discordando do lugar dos caras. E é sobre esse processo de transformação os comentários que concluíram esse texto.

Pertencimento

Eu comecei esse texto dizendo que nasci em teto pentecostal e vivi dentro da igreja até dezembro de 2021. Nesse período eu fiquei longe da comunidade de fé apenas por 3 meses e isso deu-se após o dia 28 de outubro de 2018 quando Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil com amplo apoio da comunidade evangélica, incluindo meus pastores na época, meus líderes do coral de jovens e a maioria da minha família paterna e materna. Eu tomei essa atitude envolta de muita decepção e raiva da minha comunidade de fé. Não conseguia compreender como a igreja que me ensinou a condenar os torturadores de

Jesus, naquele momento estava usando seu púlpito para convencer seus fiéis a usarem seus direitos eleitorais em favor de um presidenciável que é admirador confesso de Carlos Brilhante Ustra, um dos mais violentos ditadores brasileiros, torturador de mulheres, que nunca foi responsabilizado por seus crimes. A mesma igreja que se orgulhava de não eleger candidatos ao executivo e legislativo, pois era necessário separar “o que era de César e o que era de Deus” estava usando seu púlpito para aterrorizar seus fiéis com discursos de que se não votassem no tal candidato estariam impossibilitados de exercer publicamente sua fé. O sociólogo Paul Freston (1993) relata em sua tese sobre o pentecostalismo brasileiro de como o discurso protofascista de medo do comunismo era amplamente divulgado por cristãos no início do século XIX, esse foi um dos motivos utilizados por pastores para apoiarem a ditadura militar no Brasil.

Naquele momento eu não entendia como meus amigos que estavam na Universidade assim como eu, endossavam o posicionamento da igreja, mas eu decidi que não seria mais parte. Durante o período que antecedeu as eleições eu ingressei na campanha *O povo feliz de novo* de Fernando Haddad e Manuela D’ávilla, comecei a convencer minha mãe de que votar em apoiador de tortura era anti-bíblico, ela se recusava a falar sobre o assunto, mas não fazia movimentos para me impedir de fazer campanha. As pregações na igreja eram movidas pelo ambiente político, pregava-se mais a necessidade de atacar “o inimigo”, eu me questionava se eles me viam como inimigo. Nesse mesmo período eu fui sendo preterida no coral de jovens, mamãe disse que era porque eu tinha cortado o cabelo “igual de homem”, mas o fato era que meu corpo já tentava sair das amarras. Eu ignorava aquilo e continuava na campanha, lembro que em um domingo, pastor Davi, que além de líder de jovens era pai da minha melhor amiga da época - e eu o considerava como tio - chegou em minha casa e eu estava sentada na varanda e perguntei sobre o voto dele, ele confirmou que votaria em Bolsonaro. Eu fiquei extremamente triste e elenquei todas as atitudes perversas do referido candidato, recorri ao discurso de “o sr. é pai, vai votar em alguém que diz que uma mulher é feia demais para ser estuprada? (sic)”, ele recorreu ao discurso de que todos temos falhas, mas aquilo era para o bem da igreja.

Esse foi um período marcado por muitos rompimentos na igreja, lembro da decepção quando cantores do segmento gospel apoiavam o candidato da extrema direita, por outro lado uma minoria assumia publicamente que a igreja estava errando e eles não iriam endossar aquela postura. Resumindo, foi como atravessar um rio de rabeta em noite de tempestade. Depois do trágico 28 de outubro de 2018, ao voltar aos prantos da igreja com a

grande maioria comemorando a vitória do candidato direitista, eu decidi me afastar da igreja. Durante esse período eu experienciei o que todo desviado passa, um processo duro de exclusão. Eu cresci ouvindo a parábola das 100 ovelhas onde uma se perde e fica presa nas montanhas, pois estás machucada e o pastor notando sua ausência deixa as 99 e parte em busca da que se perdeu. Na interpretação que me fora apresentada durante toda a vida, essa parábola simbolizava a vida cristã e era como deveríamos agir se um irmão por alguma razão se "perdesse".

Para entender melhor como se deu esse processo é preciso frisar que a comunidade de Boa Esperança é um vilarejo pequeno, na época com 4 igrejas evangélicas, 3 campos de futebol, uma padaria, uma sorveteria, uma hamburgueria e alguns bares e comércio. A comunidade também tem uma pracinha na frente da igreja católica e os meios de socialização se dão através desses espaços. Eu cresci sendo socializada na igreja, todos meus amigos que moravam na comunidade estavam na igreja e minha família também. O primeiro culto após meu desvio onde expressei meu desejo de não ir foi reprimido com muita veemência por mamãe, afinal que exemplo eu estaria dando ao meu irmão caçula? Eu estava sendo pedra de tropeço para minha família. É válido ressaltar que a atitude da minha mãe não era um fato isolado, toda a comunidade de fé e meus familiares agiram da mesma forma, no entendimento deles era um alerta para que evitassem que eu me perdesse para o “mundo”.

O meu ato de desvio foi cercado de muita culpa, ali eu perdi minha “identidade cristã”, era um membro que tinha tomado a decisão de romper com o "corpo do outro" para assumir as vontades e sonhos do meu próprio corpo. Eu consegui manter por 3 meses o meu ato de retirada. Em um domingo pela manhã, logo após a EBD, eu chamei o pastor da época e o comuniquei do meu desejo de retornar, fui recebida com muito zelo e os três meses de distanciamento não foram pautados, tampouco eu os questionei sobre processo de exclusão que vivi, mas me sentia em falha comigo.

Descobertas

Depois desse período, eu tive ainda mais ciência que aquele espaço agia com opressão ao meu corpo, não era apenas exclusão e mobilização da culpa pelo “pecado de ter votado no PT”, mas existia uma repressão explícita aos questionamentos da jovem que estava no lugar perigoso que era a Universidade. Nesse momento eu intensifiquei os questionamentos, mas os direcionando para a pauta da vida de Frida Vingren. Eu considero

que aquele foi um passo importante para o que está nessa pesquisa, pois a partir da monografia veio a provocação da banca do meu lugar naquele espaço. Quem eu era ali? Não era agente de transformação como era minha vontade, mas era vista como uma jovem revoltada que logo poderia casar-se e junto a seu companheiro (que provavelmente operaria com mais eficácia o controle do meu corpo) e trabalhariam em prol da obra do Senhor.

No entanto, nesse lugar não caberia toda bagagem que a encruzilhada da escrita, os feitiços pedagógicos e de conhecimento proporcionaram ao meu Orí. Aquele território me permitiu me entender enquanto sujeito político e que haveria outros espaços de apoio e cooperação entre mulheres negras que me permitiram produzir fissuras no meu corpo-território. Como afirmei no tópico 1.4 foram essas fissuras que me permitiram escrever esse texto, mesmo atravessada por tantas dores e recuos.

Atravessamentos

Depois de defender a monografia e entrar no mestrado veio a pandemia da Covid-19. Esse período de isolamento foi extremamente cruel e angustiante, o caos se instaurou no país e a irresponsabilidade de Jair Messias Bolsonaro atrelada ao fanatismo religioso da comunidade evangélica levaram muitas pessoas à morte. As igrejas, assim como todos os espaços de reuniões que promoviam aglomerações foram fechados como medida de prevenção. No entanto, muitos pastores aproveitavam a narrativa para aterrorizar seus fiéis com mentiras. Esse período para mim, foi atravessado por muitos diálogos com colegas e professoras sobre a importância da vacina, meu combate pessoal às notícias falsas que chegavam diariamente aos grupos de *whatsapp* da igreja e a constante tentativa de manter principalmente meus familiares em casa para evitar contágio. No entanto, em uma cidade que o prefeito Nélio Aguiar (médico formado), afirmou que o vírus não sobreviveria ao calor, combater notícias falsas tornou-se uma missão extremamente difícil.

Em Santarém as tentativas de fazer *lockdown* não eram exitosas, o governo federal continuava propagando mentiras sobre a situação de terror que estávamos vivendo. Pouco tempo depois e ainda sem vacinas disponíveis, o prefeito de Santarém afrouxou as medidas sanitárias e autorizou a retomada dos cultos nas igrejas. A condição era de que os templos respeitassem a limitação máxima de 100 pessoas usando máscara e com aferição de temperatura. Com isso a igreja de Boa Esperança retornou com a conferência de mulheres, até o momento a minha família cumpria a contragosto as medidas de segurança, mas nesse dia

não consegui deixá-los longe da igreja e de maneira irresponsável fui com eles para a conferência. O resultado como relatei no capítulo 2 foram os 20 dias mais difíceis da minha vida, pois fui a única da família que não foi contaminada e passei a cuidar de todos. Eu não consigo descrever o quão assustador foi tratar de uma doença que não tinha vacina, nem tratamento específico, tampouco era possível saber os impactos que aquele vírus causava internamente.

Os meses seguintes foram marcados pela tentativa de manter vivos minha mãe, meu irmão e meu pai. Eu não tive amparo dos líderes da igreja para cuidar dos meus familiares, ali eu me virei para os 3 meses de exclusão que vivi em 2018 e entendi que a utilidade de nossos corpos na igreja remetia a corpos saudáveis que pudessem oferecer mão de obra gratuita, e de preferência que não ousassem questionar os mecanismos de poder da instituição. Na verdade, as atitudes da liderança era um espelho fiel da estrutura colonialista da igreja que se mostrou indiferente à possível perda de seus membros para uma doença que poderia ser prevenida.

É válido ressaltar que a ausência da liderança, não significou a ausência de algumas irmãs do Círculo de Oração, durante esse período cuidamos umas das outras em comunidade, partilhamos remédios, receitas caseiras e alimentos. Estávamos nesse momento como cupins que teimam em ruir estruturas e a nossa missão era fazer com o que os nossos ficassem vivos e assim o fizemos.

Como disse anteriormente, depois desse episódio de quase perda, eu decidi que só retornaria aos cultos depois de tomar minhas doses de vacina. Contudo, faço aqui uma dura reflexão de que minha mente colonizada pela ordem pentecostal quase me levou a morte. Me fez correr risco, para os quais eu já havia sido advertida por diferentes canais. Não vou ousar a trazer as teorias do afro pessimismo que me foram apresentadas pela professora Carla, embora reconheça que esse conceito sobre "morte" é bem instigante para pensar a condição que eu me encontrava no início desta pesquisa. Foi difícil caminhar, [re]viver, me manter de pé com tantos baques da vida e tantos ensinamentos do mundo fora dos portões do Ramal da Moça.

Muitos evangélicos durante o show de horrores que foi a campanha à presidência da república nas últimas eleições, optaram por se retirar das igrejas e tornarem-se desigrejados⁵⁹. Foi nesse período que conheci o Movimento Negro Evangélico (MNE)⁶⁰, a

⁵⁹Desigrejados compõe pessoas que se identificam como cristãs e/ou evangélicas, mas não estão ligados a nenhuma instituição.

⁶⁰ Influenciado pela luta do reverendo Martin Luther King Jr, o MNE vem ganhando força no Brasil unindo evangélicos negros contra o racismo e intolerância religiosa dentro e fora das igrejas. Para mais informações, leia a dissertação de Vitor Medeiros (2022), intitulada "Ativismo Negro evangélico no Brasil Contemporâneo".

Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG) e o projeto Redomas, ambos de uma ala evangélica progressista que se opunha ao governo de Jair Messias Bolsonaro e ao fundamentalismo religioso. A princípio eu acreditei que poderia fazer parte desses grupos, por ainda achar que não era necessário “romper totalmente com a fé”, mas as possibilidades de exercer o cristianismo em outras frentes. No entanto, os feitiços dos quais falei na introdução desse texto também me atravessavam, eu só não conseguia decidir como traçaria minha rota de fuga.

Marés e Mandinga

Em 2021 quando aceitei o convite da professora Carla de escrever em sua casa na Bahia e no dia 5 de dezembro daquele mesmo ano meu corpo em rebarba pousou por sobre a Baía de Todos os Santos e tudo mudou para melhor. As EBDs deram lugar aos banhos de mar na praia da preguiça, as reuniões de círculo de oração deram lugar a capoeira angola que tem curado meu corpo, o medo deu lugar a longas braçadas no mar e este por sinal mostrou-se um antídoto. Consertei minha coluna e curei uma gastrite com as doses de cuidados, ORÍentação e amor que recebi. O feitiço atravessou a vida da menina do ramal que não apenas encontrou novas possibilidades de existir, amar e viver. Descobri através dos terreiros de egunguns da Ilha de Itaparica, que a morte é uma "invenção" e que há seres imorríveis, e que o nosso povo é especialista em fabricar novas possibilidades de vida.

Hoje sou discípula também de Mestre Renê Bitencourt da Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro - ACANNE, e quando explicava para ele minhas ausências nos treinos de capoeira nas últimas semanas que dediquei tempo integral à escrita da dissertação, ele me disse: "termine de escrever, volte pro treino e tome seu lugar na trincheira". Seguirei os conselhos do Mestre, caminhando para o final dessa escrita que muito me consumiu, mas muito me deu e fez crescer, espero estar apta a ocupar com dignidade meu lugar nas trincheiras do mundo.

[...]Se vocês acharem interessante um atendimento psicológico em grupo, uma conversa que seja, posso conversar com a Willivane, que é psicóloga e psicanalista, e tenho certeza de que ela iria se voluntariar para fazer esse atendimento, essa conversa com vocês.
Não subestimem os efeitos que esse tipo de agressão e violência racial e sexista

podem causar em vocês, por favor, não subestimem.
Mais uma vez, se vocês sentirem vontade de fazer uma conversa no início do semestre, quando as aulas voltarem, por favor, podem contar comigo.

Mais uma vez, sintam-se abraçadxs.

Até breve. Carla Ramos Munzanzu, 2 de Maio de 2017

Trago este trecho de um e-mail recebido por mim e pela turma de Antropologia da UFOPA quando sofremos um caso de racismo e ameaça que feriu mais diretamente, Alice, uma colega de curso. Esse texto nos alertava, dentre outras coisas, sobre a gravidade e os efeitos das violências do sexismo e do racismo. Minha experiência na igreja foi toda vivendo essas violências e aprendendo a sobreviver. As cicatrizes estão em meu corpo/memória. Mas, o processo de expurgar determinadas dores neste texto, no processo de pesquisa também me marcaram de vida e esperança em transformações pela via da educação, do amor e cuidado entre nós, mulheres negras. E como nos ensinou o escritor Guimarães Rosa: "o que a vida quer da gente é coragem." e eu que finquei minha bandeira nas águas da Bahia, estou pronta de coragem para seguir falando. Porque assim minha professora me ensinou e para além dos ensinamentos preciosos que tive e tenho com ela, Edson Gomes me informa que: "eu sou uma árvore bonita" e falante.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, Edin Sued. **As moradas de Deus**. São Paulo: Novo Século, 2004.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus**: teorização, história e tipologia (1911- 2011), 2012, 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren**: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: Cpad, 2014. 183p.
- ARRUDA, Dyego de Oliveira; SANTOS, Caroline Oliveira. A Necropolítica e o extermínio dos corpos negros em tempos de Covid-19 no Brasil. **Revista NAU Social**, v.12, n. 23, p. 821 – 833, Mai. / Out. 2021.
- BÍBLIA SAGRADA**: Antigo e Novo Testamento. João Ferreira de Almeida. São: SBB, 2011.
- BISPO, Antonio. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI-UnB/CNPq). Brasília, DF, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernanda Tomaz. **Difil / Bertrand Brasil**, Lisboa / Rio de Janeiro, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In: O trabalho do antropólogo*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 17-36.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005 . Acesso em: 04 jun. 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought. **Social Problems**, v. 33, n. 6, p. 14-32, Oct./Dec. 1986.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CORREA, M. A.; SOUZA, E. P. de; RAMOS, C. Merê: territórios e territorialidades do cinema de cozinha. **Revista do CEAM**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 117–132, 2019. DOI:

10.5281/zenodo.2648122. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/12372>. Acesso em: 30 maio 2023.

COSTA, Thaís de Oliveira. **Eu discordo de um cara**: Um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança - Santarém/PA. 2019. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Revista Estudos Feministas*, nº 1, 2002.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: **Poemas de recordação e outros movimentos**, 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, p. 24-25, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**, 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **“Onde a luta se travar”**: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). 2015. 358 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Gênero e Religião: a questão do ministério feminino na Igreja Assembléia de Deus. **Caminhos: Revista de Ciência da Religião**, Goiás, v. 7, p. 311-333, dez. 2009.

FONSECA, Cláudia. **Caminhos da adoção**, São Paulo, Cortez, 1995.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. 1993. 304 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora – UFRJ. 2009.

GOES, Emanuelle Freitas; RAMOS, Dandara de Oliveira; FERREIRA, Andrea Jaqueline Fortes. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, p. 1-7, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 1.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís. **Guia de Pesquisa na quarentena**: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social. Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008.

Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 04/04/2021.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2. Florianópolis, 2005.

MELO, Wilverson Rodrigo Silva de. Tempos de revoltas no Brasil Oitocentista: Ressignificação da cabanagem no baixo Tapajós (1831-1840) / Wilverson Rodrigo Silva de Melo. – Recife: O autor, 2015. 271 f

MENSAGEIRO DA PAZ, ano I, n.4,1930, p. 3

MENSAGEIRO DA PAZ, n. 5, 1º mar. 1931

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

RIBEIRO, Ezilene Nogueira. Eurico Alfredo Nelson (1962-1939) e a Inserção Batista de Belém do Pará. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v.III, n. 9, 2011, p. 5

ROSADO-NUNES, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, n.16, p. 79-96, 2001.

SARTI, C. A. **A família como espelho**. Um estudo sobre a moral dos pobres, São Paulo, Autores Associados, 1996.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. **A casa, as mulheres e a igreja**: relação de gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

Vaz Filho, Florêncio Almeida. A Emergência étnica dos povos indígenas do baixo Rio Tapajós, Amazônia. / Florêncio Almeida Vaz Filho; Orientadora Maria Rosário Gonçalves de Carvalho. – Salvador, 2010.478 f

VILHENA, Valéria. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 1, p. 8-17, mar-jun. 2010.